



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO

(de Trabalho de Conclusão de Curso)

**LIVRO DE CRÔNICAS
JORNALISMO ALAGOANO E PANDEMIA: CRÔNICAS QUE
HUMANIZAM A PROFISSÃO**

ORIENTADOR: Luiz Marcelo Robalinho Ferraz

ALUNA: Letícia Maria da Silva Aguiar

Maceió, dezembro de 2023

**LIVRO DE CRÔNICAS “JORNALISMO ALAGOANO E PANDEMIA: CRÔNICAS
QUE HUMANIZAM A PROFISSÃO”**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
(modalidade projeto experimental) apresentado
como requisito parcial para obtenção do bacharel
em Jornalismo

Orientador (a): Prof. Dr. Luiz Marcelo Robalinho Ferraz

Maceió, dezembro de 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A2831 Aguiar, Letícia Maria da Silva.
Livro de crônicas "Jornalismo alagoano e pandemia : crônicas que humanizam a profissão" / Letícia Maria da Silva Aguiar. – 2023. 58 f. : il. color.

Orientador: Luiz Marcelo Robalinho Ferraz.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 44-46.
Apêndices: f. 47-58.

1. Processo de criação – Livros. 2. Crônica. 3. Jornalismo. 4. Covid-19 (Pandemia). I. Título.

CDU: 070 : 82-94

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: Letícia Maria da Silva Aguiar

Livro de crônicas

Jornalismo alagoano e pandemia: Crônicas que humanizam a profissão

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do Curso
de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e
aprovado em 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Marcelo Robalinho Ferraz (Orientador)

Profª Drª Magnólia Rejane Andrade dos Santos (1ª Examinadora)

Profª Drª Ana Caroline de Almeida (2ª Examinadora)

Profª Drª Priscila Muniz de Medeiros (Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Acredito que, dentre todas as folhas que compõem os itens de um relatório de TCC, esta foi a mais difícil de escrever. Primeiro porque ela me traz emoção. Foram tantos dias até este em que escrevo (20/09/2023), que eu sinto uma espécie de filme passando pela minha cabeça. De início, lembro-me daquela garota de cachos loiros que empunhou nos braços o “Jornalismo Ufal”, em 2018. Ali, começou a minha trajetória pelo curso que eu me encantei de primeira e descobri que não me restaria outra coisa a não ser jornalismo. Nunca quis ser médica ou engenheira, porque as palavras sempre me cativaram e, ao assumir meu posto de estudante de jornalismo, eu as absorvi de vez.

Hoje, sou fruto de palavras, café e sonhos, um deles era ser escritora, ainda na infância. Com esse trabalho consegui realizar um pouco dele e provar a mim mesma de que EU SOU CAPAZ. Afinal, não foi fácil. Tiveram dias de choro e de nem conseguir escrever ou rabiscar uma sequer palavra para o meu livro de crônicas. Porém, vesti uma força que não sei de onde, mas posso imaginar. Ela veio de minha mãe Cecília, de minha avó Célia, de minha tia Livia, de meu primo Arthur, de meu grande amigo Lucas Henrique e de meu namorado Gabriel. Todos, lembram-me de como eu sou forte, inteligente e, principalmente, determinada. Agradeço pelos dias que vocês me fizeram crer que sou boa com palavras, esse TCC caminha um pouco por essa crença. Também agradeço aos meus amigos Luiz Carlos, Victor Lopes e ao meu psicólogo Luiz Eduardo que me disseram “você vai conseguir”. Às minhas amigas Rafaela Barbosa e Laura Correia, por verem em mim essa mesma competência que, em certos dias, estive turva. Agradeço ainda aos meus outros companheiros de turma, Giselly Vitória, Paula Bessa e Rafael Reis, vocês sempre estiveram mais presentes dentro da minha vivência em sala de aula. Estendo meus agradecimentos aos meus companheiros de vida e também amigos, Gabriel Mendonça, Gabriela Luz, Jackeline Alves e Paula Torres, adoro vocês pela vida e por mais um pouco dela.

Por fim, sou grata a aquela garotinha de cabelos loiros que empunhou o início de um sonho nos braços. VOCÊ CHEGOU LÁ!!!! No mais, agradeço a Marcelo Robalinho por todo apoio e cada risada dividida, sempre tive certeza que seríamos uma bela dupla. Também sou eternamente grata a cada profissional que dividiu um pouco de si comigo e fez esse trabalho acontecer. VALEU DEMAIS.

RESUMO

Este trabalho é um relatório técnico que tem como objetivo descrever e analisar o processo de criação de um livro de crônicas sobre o trabalho dos jornalistas alagoanos na pandemia da covid-19, que teve início em março de 2020. O produto final apresenta 13 crônicas, sendo fruto de 40 entrevistas, das quais 27 foram utilizadas para o livro, além de apurações, investigações e experiências pessoais da própria autora, que aparece em duas crônicas como narradora-personagem. A escrita da versão final da obra começou em 2022 e se findou em 2023, contemplando, principalmente, o período mais crítico da pandemia e também o fim dela. As pesquisas foram feitas de forma presencial e remota, incluindo entrevistas nos locais de trabalho dos jornalistas e momentos online por meio do Google Meet e WhatsApp. Como referencial teórico sobre o gênero crônica, utilizei estudos como o de Cossari (2004), Lopes (2010) e Siebert (2014), incluindo ainda em minhas leituras o Portal da Crônica Brasileira e textos de autores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Eliane Brum, Gay Talese e Machado de Assis. O estilo de escrita do produto final se assemelha ao do jornalismo literário. Como resultado, o livro de crônicas apresenta um conjunto de textos que trazem não só o lado profissional dos jornalistas, mas também, e sobretudo, o lado humano e a desenvoltura do laboro em meio à pandemia do novo coronavírus, levantando temas como a precarização da profissão e a sobrecarga dos comunicadores.

PALAVRAS-CHAVES: pandemia; crônica; jornalismo.

ABSTRACT

This work is a technical report that aims to describe and analyze the process of creating a book of chronicles about the work of journalists from Alagoas during the Covid-19 pandemic, which began in March 2020. The final product features 13 chronicles, being the result of 40 interviews, 27 of which were used for the book, in addition to investigations, investigations and personal experiences by the author herself, who appears in two chronicles as a character narrator. Writing the final version of the work began in 2022 and ended in 2023, mainly covering the most critical period of the pandemic and also its end. The research was carried out in person and remotely, including interviews at the journalists' workplaces and online moments through Google Meet and WhatsApp. As a theoretical reference on the chronicle genre, I used studies such as those by Cossari (2004), Lopes (2010) and Siebert (2014), including in my readings the Portal da Crônica Brasileira and texts by authors such as Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Eliane Brum, Gay Talese and Machado de Assis. The writing style of the final product resembles that of literary journalism. As a result, the book of chronicles presents a set of texts that bring not only the professional side of journalists, but also, and above all, the human side and the resourcefulness of work amid the new coronavirus pandemic, raising themes such as the precariousness of profession and the overload of communicators.

KEYWORDS: pandemic; chronic; journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 JORNALISMO LITERÁRIO.....	11
2.1.1 Crônica.....	12
2.1.2 Novo Jornalismo.....	14
2.1.3 O Jornalismo da Revista Piauí.....	15
2.2 JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS.....	16
2.3 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE.....	17
2.4 JORNALISMO E PANDEMIA.....	18
3 METODOLOGIA.....	22
3.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	22
3.2 AS ENTREVISTAS.....	24
3.3 ENTENDENDO E FINALIZANDO OS TEXTOS.....	26
4 SOBRE AS CRÔNICAS.....	30
5 DIAGRAMAÇÃO.....	35
6 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A- MODELO DE PAUTA.....	47
APÊNDICE B - PAUTAS POR ÁREAS DO JORNALISMO.....	48
APÊNDICE C - ROTEIRO BASE DE PERGUNTAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Quando o dia 31 de dezembro de 2019 apareceu no calendário, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre casos de pneumonia em Wuhan, cidade da província de Hubei, na República Popular da China. Depois de uma semana do dia 31, em 7 de janeiro de 2020, após o ano novo ocidental, as autoridades chinesas confirmaram a aparição de um novo tipo de coronavírus. O que veio a seguir foi o prelúdio de uma pandemia e, no dia 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Quase um mês e meio depois, em 11 de março de 2020, a covid-19 passou a ser caracterizada pela OMS, de fato, como uma pandemia. Em Alagoas, o governo declarou a situação de emergência no dia 20 de março de 2020, suspendendo por dez dias o funcionamento de alguns estabelecimentos como bares, restaurantes, cinemas e igrejas. Desse começo em diante, trilhamos uma jornada que não parecia apontar para um fim e alguns profissionais foram de total importância para o contexto, a exemplo de médicos, cientistas, trabalhadores de aplicativo e os meus futuros colegas jornalistas.

Com a chegada da pandemia, a lógica destes profissionais da comunicação precisou ser alterada e logo palavras como *home office* foram acrescentadas ao dialeto dos comunicadores, muito embora o conceito não seja exatamente novo. No contexto pandêmico, eu fiz a escolha de entrar para a iniciativa experimental “Lab Dicas Jornalismo (Dicas Jornalismo)”, na qual tracei os meus primeiros passos dentro do jornalismo literário, que eu cometi o erro de achar que se tratava de livros. No dia 28 de maio de 2021, escrevi o meu primeiro texto para o site, uma crônica intitulada de “Aqueles que te informam”, falando do trabalho dos jornalistas na pandemia. Posteriormente, acabei decidindo que esse seria um ótimo tema para a conclusão do meu curso. Dito e feito, resolvi fazer um livro de crônicas com essa perspectiva, só que com jornalistas alagoanos, dando enfoque ao que se passou pelo meu estado.

Destacar a vivência alagoana foi importante para mim porque eu considero fundamental a gente entender o que se passa ao nosso redor e dentro da nossa cultura, do nosso povo. Em relação ao jornalismo, pude encaixá-lo dentro da minha própria terra e perceber como os profissionais alagoanos desenvolveram o seu trabalho. Enquanto alagoana, acabei percebendo situações que estiverem presentes em outras partes do Brasil e até que passamos por coisas similares. Como exemplo, os dados me revelaram que houve outras mães solo trabalhando e cuidando dos filhos na pandemia. Assim, a partir da realidade local de Thyanne Magalhães, eu pude estender a discussão em nível nacional. Ademais, situar a temática no meu estado também foi uma forma de fazer dele pauta. Na minha concepção,

somos pouco ou quase nunca mencionados em nível nacional. Trazer Alagoas a partir da minha visão como alagoana me faz levar a nossa terra para ecoar em outros lugares e, mais ainda, o nosso jornalismo ressoar em outras localidades.

Dando continuidade, escolhido o tema e formato, consultei com a professora Magnólia Rejane quem seria o melhor orientador para a minha área. Contudo, eu já tinha o nome de Marcelo Robalinho em mente. Assim, decidi enviar a minha carta de aceite e meu pré-projeto para ele, recebendo em seguida a afirmativa de que ele realmente seria o meu orientador. Depois da primeira reunião, em meados de junho de 2022, comecei a buscar fontes, fazer leitura e destrinchar as divisões temáticas do meu trabalho. Porém, acabei percebendo que o foco inicial - de falar sobre áreas do jornalismo (impresso, rádio, televisão e digital) e escolher dois profissionais para compor cada crônica - não estava fluindo como esperado. Depois dessa percepção, entendi de onde vinha o problema. Eu sempre escrevi reportagens na graduação, minhas crônicas pareciam reportagens e lhes faltava uma vida, além da força da literatura. Desse modo, decidi ressignificar tudo que havia feito até então, em discussões com o meu orientador, porque parecia que eu não tinha ouvido e sentido o que os meus personagens estavam me dizendo. Debrucei-me a novas leituras, especialmente no Portal da Crônica Brasileira e nos textos da Eliane Brum, e fui conseguindo encontrar meu rumo. Todavia, nesse entremeio, passei por uma grande ressaca literária de não conseguir nem olhar para a tela do computador ou para as minhas crônicas sem sentir um desejo latente de chorar. Senti-me incapaz de utilizar a literatura e escrever jornalismo com base nela. Senti-me uma cronista totalmente despreparada para tal.

Felizmente, consegui encontrar referências que me fizeram entender um pouco mais sobre como melhorar o meu eu cronista diante da realidade escolhida, o trabalho dos jornalistas alagoanos na pandemia. Cossari (2004) e Ritter (2013) foram essenciais para o meu entendimento do novo jornalismo e da crônica. Percebi que o novo jornalismo é mais solto, fluido e não segue aquele lide engessado ao qual eu estava acostumada, até por beber na fonte da literatura. Cossari me mostrou que a crônica é essencialmente um fruto do tempo, mas não só isso. Ela está devidamente amparada no real e nos traços cotidianos. Muito embora o meu tema de estudo não fosse exatamente o cotidiano que estávamos experienciando, ele se repetiu no marco temporal estendido de 2020 a 2023. A partir desse dia a dia pandêmico e dos relatos de 22 jornalistas, dos quais fiz uso de 11 para o produto final, fui incluindo cada característica encontrada nas leituras, dentre as quais estão: presença da subjetividade, diálogos, criatividade, narrativa em terceira ou primeira pessoa e diálogo com o

leitor. A partir daí, consegui elaborar meu produto final com 13 crônicas, duas delas em primeira pessoa.

Isso posto, o trabalho que aqui é descrito fala de um cotidiano de jornalistas em meio a pandemia e de como o momento os afetou. Porém, a visão do jornalista que é um herói não veio a ser adotada, a intenção é mostrar um jornalista humano, real e também profissional. Destarte, acabei não cumprindo a minha ideia de trazer um panorama de cada área do jornalismo, como televisão e impresso descrita no pré-projeto. No fim, encontrei um produto ainda melhor: o fator humano. Independente de veículos, escolhi pessoas e procurei absorver tudo o que elas tinham a me dizer. Nessa caminhada, Eliane Brum me foi fundamental para entender que nós devemos ouvir as pessoas com a mente livre, desperta, sem ideias pré-concebidas. Gay Talese também me despertou um lado muito mais curioso, detalhista e preciso, afinal, os produtos do jornalismo literário não se fazem de um dia para o outro, demandam tempo, respiro e muito fôlego, percebi isso pelas leituras do trabalho que é feito na Revista Piauí. Depois disso, desprendi-me de toda a pressa que me consumia em terminar o meu livro de crônicas. No fim, aprendi a entender e aceitar cada processo. Desse jeito, conto nesse trabalho com 13 crônicas que abordam diferentes e principais aspectos de cada personagem, por exemplo, a repórter Géssika Costa, que enfrentou o luto em meio à pandemia ou o apresentador Filipe Toledo, que infartou e chegou a ser contaminado pela covid-19. Portanto, as histórias que foram contadas acabaram indo além de mim e ganharam uma espécie de vida própria. Aprendi a ter percepção, a entender e a essencialmente escutar o que aquela história queria me passar.

Por conseguinte, o meu trabalho é sobre jornalismo literário volvido em meio a pandemia, mas é sobretudo um ouvir atento e uma desconstrução daquilo que os estudiosos da comunicação chamam de Teoria do Espelho. E, se ela tem como base refletir o real em toda a sua objetividade, eu aprendi a subjetivar o real e mostrá-lo sem precisar me esquecer dele. Essa subjetivação veio a partir do meu “encontro” com os escritos de Moraes (2019). Nos seus estudos, a autora traz o conceito de “jornalismo de subjetividade”, que demarca a importância de trazer o subjetivo para a realidade e poder ir além de visões previamente instituídas, que não necessariamente derivam do jornalismo, mas que são reforçadas dentro dele. Quanto ao *Chronos*, que também faz parte da crônica, optei por ordenar os textos narrados depois de terminá-los, tendo uma crônica de abertura com a minha perspectiva e as demais introduzindo cada assunto, desde o *home office* à chegada das vacinas e vacinação da população e dos próprios jornalistas. Ademais, acabei percebendo que faltava uma crônica final e ela chegou sem que eu nem pedisse. Quando a pandemia teve fim, em maio de 2023,

entendi que nada mais justo para um término do que o fim dela mesma. Na crônica 13, trago um panorama do que foi o período em relação a mim, ao jornalismo e a coisas que mudaram ou nunca aconteceram.

Decidi ultrapassar o número máximo de 12 crônicas proposto pelo curso de Jornalismo, na Resolução CJOR/UFAL, de 18 de maio de 2023, porque entendi que não haveria como abordar a pandemia e deixar passar o encerramento dela. Afinal, essa finalização me deu a chance de olhar para trás e ter um panorama geral das coisas, podendo avaliar situações como o número de demissões no período e questões como a não inclusão de todos os profissionais jornalistas na obrigatoriedade da vacinação. Logo, pareceu-me relevante abrir uma crônica final e estabelecer essas reflexões sobre o momento pandêmico como um todo. Dessa forma, esse trabalho consegue expor também um pouco mais do que as vivências pessoais, mas fatores como sobrecarga de trabalho, cansaço, insônia, maternidade, luto, novos começos, perdas e, acima de tudo, a vida real de jornalistas alagoanos dentro de um contexto que mais pareceu coisa de cinema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo e a objetividade foram ligados ainda muito cedo e, quando se fala em um, pode-se pensar que o outro necessariamente precisa existir. Nessa perspectiva, existem teorias da área da comunicação que realmente atestam essa ligação, é o caso da Teoria do Espelho. Desenvolvida a partir de 1850, na imprensa estadunidense, esse conceito defende a prerrogativa de que o jornalista é um puro mediador, sem interesses e que reproduz veementemente os fatos, sem inserir a sua bagagem cultural, opinativa e perceptiva do que se passa ao seu redor. Assim, o cerne desse viés de classificação é fazer com que o comunicador atue efetivamente como um espelho, que mostra a realidade em toda a sua essência, sem desvios. Nesse caso, a subjetividade é um “mal” a ser evitado.

Além dessa teoria, entre 1861 e 1865, os eventos da história norte-americana fariam surgir mais uma vez outra forma de associação entre jornalismo e objetividade, que também se divide em dois agentes principais: o lide e a pirâmide invertida. Durante o conflito da Guerra Civil ou Guerra da Secessão, que envolveu os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos da América e foi acarretada principalmente após a eleição de Abraham Lincoln, as informações precisavam ser transmitidas pelo telégrafo e ele nem sempre conseguia ser eficaz. Logo, para contornar as falhas, as informações mais importantes precisavam ser enviadas já no início do texto. Portanto, nesse parágrafo inicial do texto noticioso foram enclausurados os fatos que não podiam se perder, respondendo às seguintes perguntas: o quê, quem, quando, como, onde, por quê. Respondido o lide, a pirâmide invertida segue um fluxo partindo das informações “mais importantes” para as “menos importantes”.

Apesar do flerte jornalístico com a objetividade, a história vivida pelo jornalismo em si tem um ponto a mais que extravasa essa relação. Na verdade, há um conceito que diverge de toda essa cantiga mercadológica e massiva de se fazer jornalismo e ele vem da união da comunicação à arte das palavras. Essa arte de nome próprio é a literatura. Literatura tem a ver com dar maior poder às palavras e fazer a forma que se conta mais potente do que o próprio conteúdo a ser contado, tecendo uma verdadeira transformação simbólica da realidade. De acordo com Cavalcante da Silva e Dantas Meneses (2006), com a literatura em cena o escritor consegue recriar o real a partir da sua visão de mundo, considerando aspectos culturais, experiências pessoais, opiniões e acrescentando às palavras um sentido maior, volvido de plurissignificação, como se elas estivessem em constante metamorfose.

Todavia, é um equívoco acreditar que unir jornalismo e literatura é falar de livros ou criar fatos provenientes do imaginário. Pelo contrário. A concepção abarca um fazer jornalístico que, sim, ainda é pautado pela realidade, só que utiliza diferentes formas de contar um fato para ir além dele. Nesse aspecto:

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade. (Necchi, 2009, p. 103)

Dito isso, o cenário que se põe diante dessa possibilidade de o jornalista poder não só contar o fato, mas também emergir nele e fazê-lo fluir diante das suas próprias percepções e observações, é muito mais amplo que aquele restrito somente à ordem de importância do conteúdo. Em consequência disso, com a união do jornalismo à literatura não se deixa de informar é o oposto, ganha-se em apuração, detalhamento e abrangência. Por isso, “ao se aproximar dos processos narrativos literários para retratar um microcosmo, o jornalismo é capaz de revelar uma realidade social mais ampla, recriada pelas múltiplas vozes presentes no texto” (Fontana, 2006, p. 332).

Por conseguinte, o jornalismo literário de nada tem a ver com o esquecimento da realidade, mas com o enriquecimento desta por meio dos recursos literários, da figura de um jornalista que conta aquilo que vê e se põe dentro dos fatos e não se limita a um número de páginas e a urgência do *Hard News* das redações. Nessa união, o que predomina é a apuração detalhada e robusta, munida por um texto que transpassa as seis perguntas tradicionais do lide, pois é amplo o suficiente para ter muito mais o que contar. Portanto, o caso da literatura com o jornalismo consegue ser mais profundo do que o antigo flerte com a objetividade, afinal, a arte das palavras permite um fazer jornalístico protagonizado pela criatividade, seja em formatos como os livros-reportagens ou as crônicas.

2.1.1 Crônica

A palavra “crônica” pode assumir diferentes significados, mas há de se dizer que ela está essencialmente relacionada ao tempo, já que advém do grego *chronos*. Deus impiedoso e implacável, *Chronos* devora tudo ao seu próprio gosto, seja quem ou o que for. É literalmente a personificação do tempo, que transcorre independente das nossas vontades. Com base na temporalidade, a crônica também pode ser memória e resgate histórico. No medievo português, o gênero possuía a função de contar a história dos reinos e dos reis, por meio de uma linguagem mais próxima da literatura. Indo mais longe, a crônica era ainda uma forma de

narrar cronologicamente os desdobramentos das viagens ao Novo Mundo, na Idade Média, conferindo um registro detalhado de tudo que estava sendo visto, é o caso do descobrimento da terra alcunhada de Vera Cruz e registrada na carta de Pero Vaz de Caminha sobre o que viria a ser chamado de Brasil. Naquele momento histórico, a crônica possuía uma narrativa mais ligada às descobertas além-mar, descrevendo cenários e sujeitos.

No entanto, o contato com as américas fez o *Chronos* perder um pouco de seu domínio voraz. Especialmente na Terra de Vera Cruz, é possível falar de uma *crônica à brasileira*, que desponta em 1808 com a chegada da família real ao Brasil e a publicação de jornais nas terras brasileiras. Dessa forma, “a crônica, nesse período, constitui uma nova forma de dizer, em textos que tratavam dos hábitos e costumes dos brasileiros, daí a denominação *crônica à brasileira*, que significa esse discurso neste momento histórico” (Siebert, 2014, p. 678). Isto posto, a crônica passa a ter uma grande demarcação no século XIX nos folhetins da imprensa brasileira. Nesses, os cronistas contavam fatos cotidianos, principalmente ligados a cidade do Rio de Janeiro, é daí que emerge boa parte da crônica enquanto narrativa cotidiana e não mais narrativa primordialmente de ordem cronológica.

Agora, com a vida corriqueira em voga, surgem nomes expressivos para o gênero, como Machado de Assis, Rubem Braga, Fernando Sabino e Luis Fernando Veríssimo, que apesar da distância de tempo e estilos, privilegiam o cotidiano e toda a sua imprevisibilidade, em uma brincadeira entre o prosaico e o inusitado dentro das histórias das pessoas comuns. Destarte, o contato com as Américas faz da crônica um fruto dos acontecimentos do dia a dia, que até podem passar despercebidos aos nossos olhos, mas são totalmente visíveis ao cronista pois:

O bom exercício da crônica tem o dom de transformar um fato aparentemente banal em um motivo para grande meditação. Os pequenos acontecimentos do dia-a-dia são comuns a todos, muitas vezes, tão comuns que não são adequados a comemorações, nem têm porte para um romance, tensão suficiente para um conto e nem lirismo ou indagação para um poema. Surge assim, a inspiração para um jornalista-escritor, que relata os fatos do cotidiano ligando a outros acontecimentos e emitindo sua opinião a respeito. (Cossari, 2004, p. 2)

Por meio das minhas leituras, percebi ainda a presença não só do cotidiano, mas também de outras características quando se trata da crônica, tais como a existência de diálogos, a subjetividade, a riqueza de detalhes e da apuração, a construção de uma narrativa com base em um eixo temporal, que não necessariamente é o seu ponto determinante, e um estilo que conversa diretamente com o leitor, usando até mesmo de uma linguagem mais oral embebida dos sentidos literários. Para mais, consegui também encontrar uma distinção

importante, a diferença entre a crônica jornalística e a crônica literária. Farei alusão ao que me deparei em Lopes (2010). Segundo a autora portuguesa, a primeira classificação está ligada ao referencial, aos acontecimentos da atualidade. Em contrapartida, a segunda envolve um texto mais solto, que não necessariamente se direciona a um acontecimento, conferindo-lhe uma maior liberdade de conteúdo. Porém, os estudos aos quais tive acesso mostraram a crônica como uma verdadeira mistura, não é só jornalismo e nem só literatura, é uma junção dos dois e possibilita a ampliação de um fato, dando-lhe um espaço maior que as delimitações propostas dentro dos jornais, que deságua plenamente naquilo que veio a ser proposto pelo manifesto denominado de *New Journalism*.

2.1.2 Novo Jornalismo

A associação do jornalismo à literatura possui uma demarcação específica na linha traçada pelo tempo, o Novo Jornalismo. O que se tem a partir dele e é trazido à tona no estudo de De Almeida, De Lima e De Oliveira Guerra (2016) é uma liberdade de escrita e estilo que foge dos padrões encarcerados das redações, tendo em seu leque de características a linguagem clara, um texto que pode ser em primeira pessoa e expressa opiniões, além da reconstrução da história, ou seja, é como se a narrativa estivesse sendo contada em cenas e o leitor consegue a partir disso criar uma “linha” por meio da qual ele visualiza a desenvoltura dos acontecimentos. Essa fuga dos parâmetros midiáticos convencionais começa nos Estados Unidos, na década de 1960, quando os jornalistas estadunidenses se puseram fartos da escrita tradicional feita pela mídia. Então, eles foram se aproximando cada vez mais do que viria a ser taxado de romance literário. Dentre os principais “desertores” do fazer jornalístico standardizado, estão nomes como John Hersey, que teve destaque com a escrita da reportagem Hiroshima em 1946, e Gay Talese, responsável por um dos perfis mais simbólicos do *New Journalism*, cujo título é “Frank Sinatra está resfriado” (*Frank Sinatra has a cold*), uma das reportagens mais emblemáticas dessa escola, publicada na edição de abril de 1966 da revista norte-americana *Esquire*, sem que Sinatra tivesse sido entrevistado ou dito uma só palavra para a construção do texto. Para que isso fosse possível, Talese entrevistou mais de 100 pessoas que viviam em torno do Sinatra, incluindo funcionários, assistentes, amigos e colegas de trabalho, para extrair a essência do seu personagem.

Logo, o jornalismo que toma forma a partir de 1960 também é instigado por um uso maior da criatividade. Ora, se Talese não entrevistou Sinatra, o que lhe restou a não ser recorrer à criatividade e a um trabalho incessante de apuração com pessoas ao redor do famoso? Por isso, pode-se dizer que no caso particular do Novo Jornalismo a criação não

possui limites rígidos. Especialmente em Ritter (2013), consegui perceber que nessa forma de se fazer jornalismo o jornalista consegue ser muito mais solto, podendo perpassar por uma primeira ou terceira pessoa, partir da perspectiva dos personagens ou até mesmo ser um narrador onisciente.

Galgando um pouco décadas antes na constituição desse movimento, é possível notar que o seu fervor literário pelas páginas dos jornais não ficou circunscrito somente nos Estados Unidos e tem um pouco de sua assinatura dentro do Brasil. É do Nordeste brasileiro que veio uma narrativa emblemática. Enviado para cobrir a Guerra de Canudos, em 1897, o jornalista e engenheiro militar Euclides da Cunha escreveu uma reportagem para o periódico *Estado de S. Paulo*, tomando como conteúdo principal a desigualdade do Brasil e a vivência sofrida do povo. Depois, em 1902, surge o livro *Os Sertões*, considerado por De Almeida, De Lima e De Oliveira Guerra (2016), como a primeira expressão do Novo Jornalismo em terras brasileiras. Outras iniciativas jornalísticas vieram suceder a obra de Euclides, como a revista *O Cruzeiro*, que inovou na forma de diagramação e linguagem. Além dela, vale citar os semanários de informação *Realidade*, entre meados das décadas de 60 e início dos 70, e *Piauí*, mais atualmente. A primeira deu total liberdade aos seus jornalistas-escritores de fazerem valer toda a sua criatividade, brincando com as palavras e fazendo do papel um verdadeiro espaço quase sem fim, valendo mais a contação do fato do que o tamanho que ele ocupava nas páginas, como se observou no trabalho dos colegas estadunidenses na mesma época. A revista *Realidade* trouxe uma grande experimentação e abriu caminhos para que futuramente viesse o estilo da *Revista Piauí*.

2.1.3 O Jornalismo da Revista Piauí

Saída do imaginário do empresário, roteirista, documentarista e produtor João Moreira Salles, no ano de 2006, a *Revista Piauí* é um verdadeiro ponto fora da curva do jornalismo tradicional e focado na objetividade. No periódico, embora Salles não tenha lhe atestado o título de jornalismo literário ou de Novo Jornalismo, o que se inscreve sobre as suas páginas é um texto sem a preocupação de conter o factual. Nas palavras de seu criador: “não haveria sentido em criar mais uma revista para cobrir as mesmíssimas histórias. [...] cobrimos assuntos que interessam, mas sem pressa, publicando meses depois, ou de forma diferente” (Salles *apud* Da Silva e Guimarães, 2020, p. 129).

Assim, a *Piauí* reflete um pouco do que já era feito na *Realidade* e mantém um tom ainda mais despojado e desafiador, por sob o qual todos os assuntos são pertinentes, válidos,

passíveis de serem descritos fora das convenções dos demais impressos, fazendo de suas páginas um verdadeiro fruto da experimentação de um jornalismo livre. Com essa liberdade e criação, há nesse periódico aspectos de um jornalismo que bebe da essência literária, indo desde reportagens à poesias, e fazendo um verdadeiro jogo com a realidade que se vive que, embora esse real esteja imerso em suas páginas, o grande ganho da *Piauí* e da antiga *Realidade* é fazer com que a vida que vivemos seja contada de uma forma muito mais atraente para o leitor e o melhor, sem pressa. O trecho publicitário da *Revista Piauí* deixa claro o descompromisso com a fugacidade do tempo presente:

Gostamos de imaginar que somos uma revista serena, que dá tempo a seus jornalistas para que trabalhem, e que isso não é sinônimo de lentidão, mas de apuro. Talvez tenhamos sido influenciados pelas nossas leituras de criança, quando aprendemos que nem sempre a lebre vence a corrida. Com nosso passo cuidadoso, já chegamos na frente várias vezes. Muitos temas que se transformaram na manchete dos jornais apareceram antes em piauí. (Piauí-Mídia Kit, 2020, p. 3)

À vista disso, essas iniciativas acabam por subverter um pouco a lógica atual de que as pessoas não querem ler textos longos. Mas, será que o pensamento não deveria ser o inverso? E se as pessoas quisessem se debruçar nas produções mais longas e o que lhes falta é apenas uma boa e bem acurada narrativa, de um trabalho jornalístico feito devagar? Logo, com a construção proposta pela *Piauí*, o leitor pode ser simplesmente pego de surpresa e se ver no anseio de ler ainda mais, independentemente do tamanho dessa leitura, porque a forma de contar foi eficiente em captar a sua atenção. Contudo, o ponto central nisso tudo não está em trazer uma surpresa propriamente dita, mas de fazer com que o real seja uma espécie de “massa”, com a qual se pode modelar, criar, inovar, brincar e ainda assim permanecer com ela “inteira” por sob os dedos, afinal, a brincadeira com esse real foi feita sem nenhum comprometimento com a pressa de se cumprir um deadline e correr o risco de que a preocupação com tempo suprima a qualidade jornalística do texto.

2.2 JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS

Quando conheci as obras de Eliane Brum, deparei-me com uma expressão que ainda não havia visto antes “o jornalismo dos desacontecimentos”. Pareceu-me estranha a classificação e logo me perguntei: se esse jornalismo não fala dos acontecimentos, o que mais ele pode fazer? Procurando estudos, entendi que, na verdade, o desacontecimento é pautado pela vida comum, que se passa todo dia. Uma das explicações que mais me chamou a atenção foi a de Abib e Ventura (2020, p. 132):

No fundo, é como se o interesse noticioso dessa tal matriz operasse às avessas, em código contrário à própria natureza de imprevisibilidade que constitui um acontecimento: se a história da imprensa testemunha uma predileção pelo insólito ou pela desordem, um certo tipo de anti-notícia deve se pautar pelo rotineiro ou pelo comum – em ordem da quebra, a continuidade; no lugar do extraordinário, o banal. O que se repete. O que é de todos os dias.

A partir dessa leitura, consegui compreender que o desacontecimento vem de forma contrária ao fato noticioso de valor mercadológico, que requer o ineditismo e a imprevisibilidade ditada por sob a ótica da tribo jornalística. Dessa maneira, as pré-concepções dos jornalistas de modo geral tendem a os levar pelo caminho daquilo que irá chamar atenção, vender e criar um burburinho maior no seio social. Entretanto, quando a mídia se pauta apenas pelo valor-notícia e esquece dos personagens comuns, “isentos” dos cargos de poder, corremos o risco de noticiar apenas os olhos da elite e esquecer do olhar de quem vive ali no dia a dia, enfrentando barreiras e se reinventando repetidamente. É por isso que “quando atribuímos legitimidade e crédito apenas às fontes do poder, damos forma a uma espécie de unilateralidade da informação, como se concordássemos que somente os poderosos têm lugar de fala” (Abib; Ventura, 2020, p. 134). No caso de Eliane Brum, a lógica do desacontecimento vem para operar nesse sentido de tirar somente os poderosos da linha e dar fala aos personagens corriqueiros. Mas, a jornalista o fez porque direciona o seu olhar sem qualquer julgamento ou ideia pré-concebida. Em Abib e Ventura (2013), eles deixam claro que o jornalismo de Eliane reside na própria significância que cada um atribui a sua própria vida e então uma boa história pode ser achada a todo momento, independente do lugar. Basta o jornalista estar atento de verdade ao que se passa ao seu redor e não levar consigo qualquer preconceito. Nesse caso, o ponto chave do desacontecimento é a forma como cada um lida com a vida e, mesmo nos momentos difíceis, consegue dar prosseguimento à existência durante todos os dias que se seguem.

2.3 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE

Em complemento ao desacontecimento visto em Brum, tive um encontro oportuno com o conceito de “jornalismo de subjetividade”, proposto por Moraes (2019). Fabiana se refere a essa conceituação, criada por ela mesma, como uma forma de ir além da visão “maléfica” da subjetividade. De acordo com a jornalista, ver o real a partir do subjetivo é ir mais longe que as visões pré-concebidas sobre determinados assuntos, como a pobreza e o racismo, criando discursos que representam as pessoas mencionadas nos textos jornalísticos

de forma mais integral. Como exemplo, inferir que toda a população africana é pobre acaba sendo uma forma de repetir uma visão desse povo e excluir um relato mais integral dele, revelando outras características para além da pobreza. Assim, a objetividade acaba se tornando um reflexo daquilo que a própria sociedade internalizou como “correto”. O que não quer dizer que o objetivo esteja errado. Na verdade, como Fabiana elucida, ele pode ser um tanto limitado e não mostrar o todo de um determinado assunto.

Portanto, a partir da subjetividade, uma representação mais precisa poderia ser encontrada, porque dela derivam muitos outros fatores e aspectos que podem ser essenciais na construção de uma narrativa tais quais os hábitos diários de uma pessoa, formas como ela se vê e interpreta o mundo e assim por diante. Sob essa ótica, o jornalismo de subjetividade acaba se voltando também para o cotidiano, aos fatos que poderiam ser considerados banais por não reproduzirem a visão macro da sociedade ou não chamarem tanta atenção.

2.4 JORNALISMO E PANDEMIA

Antes de ser invadido pela pandemia, o jornalismo passou por algumas metamorfoses. Em Ferreira (2020), é possível entender que no Brasil a adoção do modelo industrial norte-americano de produção de notícias, no século XX, acentuou o valor da notícia como mercadoria. Logo, as informações passaram a ser vistas como uma possibilidade de crescer a venda de exemplares, não só para encher os olhos do público, mas também dos anunciantes. Posteriormente, o jornalismo movido pelo capital ficou ainda mais audacioso e foi a vez dele entrar nas grandes empresas, como Facebook e Twitter, atualmente denominado de “X”, e começar a propagar informações por meio delas, criando novas formas de interação com o público seja por meio de comentários, envio de perguntas ou vídeos. Agora, o que se tem é um leitor que também produz, envia as próprias pautas e atua quase como um jornalista.

Desse jeito, o comunicador precisou ir se adaptando ao seu modo a todos os ditames capitalistas dentro do seu meio de trabalho, porque a notícia também custa dinheiro. E não só. Quando a covid-19 entrou nessa dança, ela passou a custar a comoção e repercussão diária na vida de muitas pessoas, pois todo o mundo veio a ser afetado por ela. Particularmente no caso dos jornalistas e do trabalho desenvolvido por eles, Ferreira traz à tona um pouco do que precisa ser focalizado com esse novo real que foi posto:

Faz-se necessário acompanhar o estado mental dos profissionais de jornalismo, e como ele se relaciona com as transformações em curso, uma vez que o aumento da carga de trabalho, o trabalho precário em home office pós-pandemia e a aceleração dos ritmos de trabalho continuam garantindo a produtividade e os lucros para o sistema do capital. É preciso pensar sobre os

limites do trabalho e do corpo humano, e sobre o conceito de “descartável” num processo de produção de notícias. (2020, p. 14, grifo da autora)

Nessas circunstâncias, a pandemia não tratou de aliviar as pressões e exigências feitas pela “empresa jornalismo”. Do contrário, a elas foram acrescidos novos fatores, especialmente a mudança dos locais tradicionais de trabalho, as redações, que sofreram uma significativa reconfiguração e foram jogadas dentro do lar. Então, “agora, com a pandemia, a produtividade é a mesma, só que com um diferencial: ela invade a vida pessoal do trabalhador pois adentra sua própria casa” (De Oliveira Lima; Oliveira; De Oliveira Júnior, 2021, p. 6). Mesmo com a mistura de trabalho com vida pessoal e da própria vivência diante de uma pandemia, a profissão passou a ser considerada como um serviço essencial, que não deveria parar de funcionar, fato que foi taxado no Decreto Federal nº 10.288, publicado na edição extra do Diário Oficial da União de 22 de março de 2020, que dizia no seu artigo 4º: “São considerados essenciais as atividades e os serviços relacionados à imprensa, por todos os meios de comunicação e divulgação disponíveis, incluídos a radiodifusão de sons e de imagens, a internet, os jornais e as revistas, dentre outros” (Brasil, 2020 [on-line]). Todavia, a essencialidade não lhe blindou de futuros desdobramentos, como os 3.930 profissionais da comunicação com salários reduzidos, 81 jornalistas com contratos suspensos e 205 comunicadores demitidos, mostrados na matéria intitulada de “MP 936: Mais de 4 mil jornalistas do país tiveram impactos salariais durante a pandemia”, de 16 de julho de 2020, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Outrossim, o que se coloca à cena no jornalismo diante do novo coronavírus é um tipo particular de precarização, que envolve a pressão exercida no caso das mulheres. Para Solon e outros autores (2020), às mulheres, culturalmente falando, já são atribuídas responsabilidades como os cuidados com a casa e os filhos. Com o isolamento social, uma nova realidade lhes foi atrelada, a de unir as tarefas domésticas com o ambiente profissional. Ainda no estudo de Solon com colaboradores, é possível chegar à consideração de que mesmo o jornalismo estando na linha de frente da covid, as pressões trabalhistas, como exposto anteriormente, não foram reduzidas. Logo, o Governo Federal toma atitudes econômicas, como as suspensões de contratos e demissões massivas, tendo um impacto mais severo nas mulheres, porque o terreno trabalhista delas já vinha sendo mais pedregoso do que o dos homens. Dessa forma, um cenário pandêmico tende a aumentar as disparidades e afetar demasiadamente as mulheres, para o trabalho em questão, as jornalistas.

Os respingos pandêmicos também se propagaram em vias da própria saúde dos comunicadores. Martins e De Oliveira-Costa (2023) vão aludir ao fato de que os jornalistas

precisaram se expor e fazer coberturas no local dos acontecimentos, tendo o risco de serem contaminados pelo novo coronavírus. Não obstante, a contaminação em alguns casos acabou culminando em mortes, como apontou o dossiê da Fenaj publicado em 24 de março de 2022, com o título “Jornalistas vitimados pela covid-19”. Segundo o documento, um comunicador morreu a cada 2,2 dias vítima da doença. No total, de abril de 2020 a fevereiro de 2022, dissemos adeus a 314 profissionais da comunicação.

Indo um pouco mais à fundo, apesar de um cenário também composto pela fragilização e risco no exercício da profissão para mulheres e homens, o que vem à tona com a pandemia é um papel fundamental do jornalista enquanto propagador de informações confiáveis, já que as notícias falsas tiveram uma extensa propagação no período, porque:

Nessa busca por informações, algumas pessoas acabam confiando em todo tipo de notícia que encontra em suas redes sociais, sem procurar saber a veracidade da informação. Assim, são disseminadas as Fake News de conteúdos diversos, como receitas milagrosas, falsas notícias sobre a origem da doença, profecias e meios de prevenção que não funcionam. Esse tipo de conteúdo impressiona as pessoas que se encontram em um momento difícil, confuso e, por vezes, com um cenário de medo. Tais informações não verídicas acabam prejudicando ainda mais o cotidiano e a saúde das pessoas, além de provocar o caos e o desespero. (De Sousa Júnior *et al.*, 2020, p. 342)

Portanto, o jornalismo preciso se fez ainda mais necessário para combater a desinformação causada pelas *fake news*, principalmente pelo amplo uso da informação checada e com base na ciência. Afinal, de acordo com Marques e Raimundo (2021), a ciência entrou na vida dos brasileiros de uma forma muito exponente em jornais, televisão, *lives* e mídias sociais, reforçando aquilo que muitas pessoas precisavam estar cientes, como o fato da covid-19 não ser só uma “gripezinha” ou da vacina não transformar ninguém em “jacaré”, além da importância do uso da máscara de proteção e do isolamento social. É nesse aspecto que o campo científico e o jornalístico precisaram andar lado a lado e ir na contramão do que esses mesmos autores vão chamar no estudo citado de “negacionismo científico”, pois:

O âmago da argumentação do negacionismo científico cria um movimento especializado para fortalecer a fake science com argumentos que coloca a população em dúvida sobre as questões apontadas por estes, ou seja, toda vez que a ciência descobre uma verdade que desagrada ou contraria determinados grupos (país, empresa, religião, etc.), esse grupo mobiliza esforços para desacreditar e invalidar a ciência e, inclusive, se fortalece e engrandece com a confluência e união de outros movimentos negacionistas que passam a se articular como uma frente de oposição (sic) a legítima ciência. (Marques; Raimundo, 2021, p. 69)

Em suma, o jornalismo atuou como um front para embarreirar a propagação desse negacionismo científico, que foi reforçado principalmente pelo presidente da República do

Brasil na época, Jair Bolsonaro. A principal figura política do país propagou na população a sensação de que a gravidade da pandemia foi, na verdade, um fato aumentado pela mídia e ao qual não se devia um rigor nos protocolos sanitários e de combate à disseminação da doença.

[...] o negacionismo no que concerne à pandemia sempre esteve presente nos atos e nas falas presidenciais desde antes de abril de 2020, bastando recordar suas inúmeras declarações espalhafatosas a respeito da *gripezinha* e da suposta *histeria* da mídia acerca dos efeitos superdimensionados do vírus. (De Macedo Duarte; De Assis César, 2020, p. 9, grifos dos autores)

Mesmo assim, os jornalistas atuaram cada vez de forma mais enfática em sintonia com a ciência, com a precisão da informação e com o combate da propagação da doença, seja nos telejornais como o Jornal Nacional ou nas plataformas digitais, dentro do próprio G1 ou Universo Online (UOL). O que não faltou ao jornalismo foi o fôlego de procurar esclarecer para a população a gravidade do momento e as formas de passar por ele com vida.

3 METODOLOGIA

3.1 O PROCESSO DE PRODUÇÃO

No dia 28 de maio de 2021, ainda antes de cogitar o meu tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), eu escrevi a primeira crônica que fiz na vida intitulada de “Aqueles que te informam”, para o Laboratório Dicas de Jornalismo (Lab Dicas Jornalismo), uma vivência experimental na qual alunos e jornalistas podem publicar seus textos online e de forma voluntária. A partir dessa minha tentativa de crônica, eu comecei a entender que queria falar de jornalistas ao fim da minha graduação, afinal, como uma futura jornalista, enchia-me os olhos poder referenciar quem já faz o que um dia eu vou estar habilitada, ou seja, com diploma a fazer. Mas, referenciar é uma palavra que me causava um leve desconforto porque eu não queria endeusar profissionais que já conhecia e sabia do bom trabalho. Na verdade, meu desejo foi o de falar com jornalistas que eu nunca tinha tido contato ou conhecia apenas minimamente. Primeiro porque eu não queria correr o risco de enviesar meu olhar, segundo porque como uma jornalista que iria fazer crônica e seria orientada, como planejei, pelo Marcelo Robalinho, não me podia faltar a apuração rigorosa e extremamente detalhada. Por isso, precisei conhecer o máximo possível de minhas fontes.

Depois do discernimento do tema e do meu processo, ainda pensando na minha primeira crônica para o Lab, que falava do trabalho dos jornalistas na pandemia, decidi fazer um registro do laboro desses profissionais nesse período por meio das minhas futuras crônicas do TCC. Mas, diferente da minha crônica para o Dicas Jornalismo, escolhi focalizar o tema para nomes alagoanos. Assim, já em março de 2022, quando encaminhei meu pré-projeto ao meu orientador, o tema estava plenamente definido como um livro de crônicas sobre “o trabalho dos jornalistas na pandemia”. Nesse início, o meu intuito era escolher jornalistas de diferentes áreas, tais quais telejornalismo, radiojornalismo, impresso, webjornalismo, fotojornalismo, assessoria, social media, estudante de jornalismo, professor, jornalista de podcast e de revista e falar com a família de algum jornalista que se foi na pandemia. Com isso, eu teria 24 nomes e dois jornalistas por divisão de conteúdo, ou seja, na crônica que falasse do telejornalismo seriam dois comunicadores dessa mesma área. Dessa forma, comecei a selecionar os nomes a partir da ramificação proposta por mim ao meu orientador. Para encontrar as fontes, perguntei aos meus colegas e a jornalistas pessoas que provavelmente iriam aceitar a entrevista. Em uma conversa com meu antigo chefe de estágio Rafael Barreto do Ministério Público do Trabalho em Alagoas (MPT/AL), eu pedi alguns nomes que ele conhecia, afinal “Rafa” tem 12 anos de jornalismo e possui uma bagagem

maior que a minha com mais networking e conhecimento. No dia 12 de maio de 2022, ele me mandou possíveis nomes de cada área e fui contactando esses profissionais aos poucos. Abaixo está essa nossa conversa e as fontes que ele me indicou (**Figura 1**):

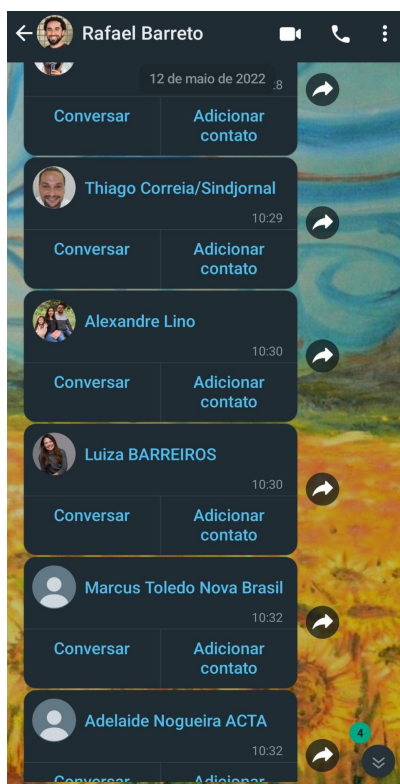


Figura 1 - Os primeiros possíveis entrevistados do TCC – WhatsApp Rafael Barreto, mai. 2022
Fonte: Print WhatsApp

Inicialmente, eu elaborei um esquema de perguntas e pautas separando os nomes dos jornalistas por área do jornalismo. Entre os dias 16 de julho e 25 de agosto de 2022, eu escrevi nove pautas e todas elas tinham na retransca “pandemia” e o recorte em relação ao jornalismo. Cheguei em: pandemia/revista, pandemia/estudantes, pandemia/podcast, pandemia/rádio, pandemia/professor, pandemia/foto, pandemia/web, pandemia/impresso e pandemia/tele. Além disso, elaborei um roteiro base com pontos comuns em todas as pautas contendo o enfoque ou encaminhamento do assunto, histórico ou sinopse, questões a serem levantadas e o contato de cada fonte. Para mais, separei um roteiro base de perguntas como “descreva um pouco sobre você e sua atividade” e “como você enxerga a sua profissão no contexto da pandemia”. Conversando com Robalinho, ele também me sugeriu a inclusão de perguntas específicas por área. Desse modo, criei perguntas para as 12 áreas do jornalismo, como exemplo, criei a pergunta “na pandemia, você acredita que o telejornalismo passou a ser mais

valorizado?”, referente ao telejornalismo e “como foi e está sendo estudar jornalismo dentro de uma pandemia?”, referindo-me aos estudantes. Estipulados os questionamentos, comecei a abordar as minhas fontes pelo Whatsapp e marcar as entrevistas. Primeiro, falei com os jornalistas que Rafael me indicou e, ao falar com eles, fui pedindo contatos de outros jornalistas das minhas 12 áreas de segmentação do trabalho e assim fechei os 22 comunicadores e dois parentes de jornalistas que se foram.

3.2 AS ENTREVISTAS

Optei por marcar as entrevistas de uma forma que fosse mais confortável para os meus entrevistados, mas deixei clara a minha preferência pelo contato presencial e “olho no olho”, porque acreditava que, por meio desse método, eu iria conhecer melhor as minhas fontes, afinal, não possuía nenhum contato com eles ou só tinha ouvido falar. Além disso, para falar do trabalho desses profissionais, eu gostaria de conhecer os locais de atividade e ter uma visão macro de como aquela pessoa é no dia a dia e como ela se relaciona com o jornalismo dentro de uma pandemia. Todavia, nem todos os profissionais entrevistados tinham locais físicos de trabalho e estavam operando em *home office* ou, por questões de espaço e segurança sanitária, preferiram o formato de entrevista remoto. Assim, de 11 de julho a 23 de novembro de 2022, eu entrevistei os jornalistas e uma familiar de um jornalista que morreu. De forma presencial eu entrevistei: Wyderlan Araújo (apresentador de podcast), Beto Macário (professor de jornalismo), Thyanne Magalhães (repórter do impresso), Gilvan Nunes (radialista e apresentador), Itawi Albuquerque (fotógrafo), Filipe Toledo (apresentador), Graziela França (repórter de web), Iracema Ferro (assessora e redatora), Ailton Cruz (fotógrafo), Elen Oliveira (assessora e repórter) e Adélia Nogueira (irmã de Átila Vieira).

Quanto às entrevistas remotas, executei-as nas seguintes datas: Milenna Alves (estudante de jornalismo), Carlos Madeiro (repórter de web), Odilon Rios (repórter de web), Vanessa Alencar (repórter de web), Adelaide Nogueira (produtora), Lícia Souto (repórter de revista), Davi Soares (repórter de web), Mércia Pimentel (professora), Leo Villanova (filho de Ailton Villanova), Géssika Costa (repórter de web e assessora), Raíssa França (repórter de web), Nigel Santana (assessor) e Pei Fon (fotógrafa). Para a crônica dos jornalistas que se foram pela pandemia eu tinha selecionado Ailton Villanova e Falcon Barros, consegui falar com o filho de Ailton o Leo e a esposa de Falcon não quis dar entrevista por ser um assunto ainda doloroso. Mesmo nas entrevistas remotas, acabei conseguindo captar a essência dos relatos dos meus personagens e não tive problemas como pensei que teria por não ser

presencial. A plataforma adotada para esses encontros remotos foi o Google Meet e eu fazia salas e encaminhava os links aos entrevistados.

Independente do formato, as entrevistas duraram de 30 a 60 minutos ou mais, dependendo do que a fonte teria a me dizer. Procurei observar cada aspecto dos jornalistas no formato presencial, como o jeito de falar, os gestos, a expressão facial e o conforto dentro do ambiente de trabalho. Nos momentos remotos eu me portei da mesma forma e, por não estar vendo aquela pessoa presencialmente, atentei-me especialmente ao modo de falar, expressão facial e gestos, além de perceber se aquela pessoa era mais tímida ou mais expressiva. Os detalhes foram anotados no meu caderno de entrevistas e no meu diário de bordo, no qual coloquei cada ação tomada durante o Trabalho de Conclusão de Curso. Também fiz após cada entrevista a decupagem dos áudios e coloquei numa pasta do drive chamada “TCC”, nela está a descrição detalhada de cada entrevista porque, no momento de execução dessas, procurei ficar mais atenta à conversa do que às anotações, que acabaram sendo mais sobre percepções que eu tive das fontes.

No meu caderno de entrevistas, também anotei as perguntas que eu separei para as fontes, levando em consideração o meu roteiro de perguntas-base e as perguntas específicas para cada área. De modo geral, acabei ultrapassando o roteiro e acrescentando perguntas de acordo com a conversa. Por exemplo, Itawi Albuquerque foi um dos meus selecionados para a área de fotografia, mas, durante a nossa conversa, ele me falou de um dia que esteve na orla da Ponta Verde e ela estava totalmente vazia. Então, ele retirou a máscara de proteção e respirou fundo por uns minutos. Portanto, essas questões não previstas no meu roteiro acabaram se revelando durante as entrevistas e eu obtive um lado ainda mais humano das minhas fontes e adquiri uma sensibilidade maior sobre o meu tema de trabalho porque percebi que, na minha frente, estavam não só os jornalistas, e sim pessoas que também tinham histórias muito íntimas a dividir comigo, sobretudo, porque confiaram em mim. Algumas entrevistas nos renderam lágrimas e um retorno ao passado da vida na pandemia.

Antes de finalizar as 24 entrevistas, eu percebi que separar os jornalistas por área estava ficando muito restritivo. Na área de podcast, eu tinha apenas Wyderlan Araújo e os demais nomes de personagens que encontrei não toparam a entrevista ou alegaram não ter experiência suficiente com esse formato jornalístico em si. Ademais, no formato revista, eu entrevistei Lícia Souto, da Revista Alagoana, mas encontrar uma nova pessoa do formato também me trouxe barreiras, como quando tentei falar com Patrycia Monteiro, da Revista Graciliano, e ela me disse que não teria muito a acrescentar por não ter tido tiragem na pandemia. Em conjunto com Robalinho, encontramos a Revista Due, um periódico diverso de

moda, viagens, beleza e de versões impressa e online. Até cheguei a marcar entrevista com a editora-chefe, Valná Dantas, mas ela adoeceu e não tive a oportunidade de entrevistá-la. Foi então que eu tive uma espécie de epifania e voltei aos relatos que eu já tinha na época.

Dessa forma, a partir do dia 26 de setembro de 2022, analisando entrevista por entrevista, percebi pontos em comum, por exemplo, Thayanne Magalhães e Mércia Pimentel são jornalistas e mães. Lícia Souto e Adelaide Nogueira estiveram um pouco mais próximas da arte nas suas pautas durante a pandemia. Assim, com alguns pontos em comum, eu obtive 12 novas classificações, sem separar os jornalistas por área. Foram elas: o primeiro dia na redação (Filipe Toledo e Vanessa Alencar), a chegada das vacinas (Gilvan e Itawi), o negacionismo político (Carlos Madeiro e Odilon Rios), ser mãe (Thayanne Magalhães e Mércia Pimentel), mudanças no cotidiano a partir do decreto da pandemia (Beto Macário e Milenna), início de um projeto pessoal (Wyderlan Araújo e Raíssa França), no jornalismo a voz dos artistas (Adelaide Nogueira e Lícia Souto), um trabalho por amor ao próximo (Davi Soares e Iracema Ferro), jornalismo de dados (Graziela França e Nigel Santana), jornalistas que se foram em função da covid-19 (Ailton Villanova e Átila Vieira), a morte e a despedida (Géssika Costa e Pei Fon) e o *home office* (Elen Oliveira e Ailton Cruz). Ao definir os temas, só precisei procurar alguns novos jornalistas. A partir do livro “Jornalistas e a Pandemia: Memória da Pandemia em Alagoas”, dos organizadores Elen Oliveira e Luiz Sávio Almeida, de 2021, encontrei histórias que poderiam caber nas minhas novas categorias como alguém que perdeu alguém na pandemia, foi o caso de Géssika Costa e alguém que tivesse trabalhado essencialmente em *home office*, como a própria Elen Oliveira. Entrevistei as fontes que encontrei no livro e também criei algumas categorias das 12 a partir delas, como a morte e a despedida, envolvendo Pei e Géssika. A diferença entre o livro mencionado e o meu produto é que, no livro, os próprios jornalistas escreveram textos sobre a sua vivência em meio ao novo coronavírus. No meu caso, eu usei essa obra para encontrar novas fontes e escrever crônicas com as minhas palavras a partir do que elas me disseram. Portanto, foi somente um meio de busca.

3.3 ENTENDENDO E FINALIZANDO OS TEXTOS

Finalizadas as entrevistas, encaminhei-me ao processo que considero o melhor e o pior: a escrita das crônicas. Confesso que sempre fui mais da reportagem e gosto bastante do gênero. Porém, pensar em crônica sempre foi uma forma de me ver indo além do que os olhos veem e falar daquilo que a imaginação consegue alcançar e o coração pode sentir. Mas,

tratando-se da crônica jornalística é preciso estar sempre com foco na veracidade e apuração precisa dos fatos. Por isso, uni a minha curiosidade detalhista vinda da reportagem ao meu espírito literário que ganhei a partir da leitura de Clarice Lispector, Rubem Braga, Eliane Brum e Gay Talese. Para incorporar mais a escrita literária e humanizada, li “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum, e algumas crônicas de Clarice, Rubem e Drummond no Portal da Crônica Brasileira. A partir das leituras, comecei a fazer as crônicas colocando relatos de dois jornalistas num único texto a partir da minha categorização por conteúdos. No período de 07 de novembro a 19 de dezembro de 2022, escrevi 11 crônicas dessa maneira.

No entanto, assisti à banca de Ulisses Abílio, que também fez crônicas e foi orientando do Robalinho, e tudo mudou. Antes de 2022 chegar ao fim, tive uma conversa com Ulisses e pedi alguns conselhos de como eu poderia me “achar”. Naquela época, entre novembro e dezembro daquele ano, eu sentia que minhas crônicas estavam com cara de reportagem e colocar dois personagens em um só texto acabava deixando as histórias de ambos resumidas demais. Ulisses leu meus textos e acabou achando o mesmo. Robalinho também. Ambos sentimos que ali não era o meu trabalho ou sequer uma sombra dele. Era um começo, mas precisei alinhar o caminho até chegar ao fim. Portanto, no dia 24 de dezembro de 2022, véspera de natal, eu escolhi separar as histórias e colocar um personagem por crônica. Por isso, dispus-me a ler novamente os 24 relatos e decidir quais histórias eu queria contar no meu livro de crônicas. No meu produto final, conto com 13 crônicas, duas delas são sobre mim e 11 sobre os jornalistas que entrevistei. A partir desse formato mais fechado e ao mesmo tempo amplo, consegui desenvolver um início, meio e fim para os meus textos e trabalhar o máximo da história de cada personagem. Decidi me colocar nos textos porque acredito que também sou parte do jornalismo que se desenvolveu na pandemia da covid-19, pois sou uma jornalista em construção. Quanto aos demais relatos, escolhi aqueles que eu queria contar e que se mostraram mais profundos desde a entrevista, afinal, “conta muito, neste caso, a acuidade da observação do que se passa em volta ou mesmo no semblante, na mente ou no coração do entrevistado” (Campos, 2009, p.14).

Com essa seleção, escolhi os seguintes profissionais:

- Elen Oliveira, por ter vivido muito intrinsecamente a relação com o *home office*;
- Adelaide Nogueira, pela criação de um programa artístico dentro da pandemia e que levou artistas alagoanos e brasileiros a cantarem em um palco virtual;
- Géssika Costa, que viu a vizinha morrer pelo novo coronavírus;

- Nigel Santana, assessor da Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas (Sesau) e responsável por transmitir os dados sobre a covid-19 aos veículos jornalísticos;
- Thayanne Magalhães, que é mãe solo e precisou cuidar dos dois filhos sozinha na pandemia, além de trabalhar;
- Filipe Toledo, que infartou na pandemia e foi contaminado pelo novo coronavírus;
- Carlos Madeiro, correspondente do Universo Online (UOL) e encarregado de cobrir a falta de oxigênio em Manaus;
- Itawi Albuquerque, um fotógrafo que fez registros marcantes do período como a chegada das vacinas;
- Iracema Ferro, que estreitou as relações com os vizinhos de seu prédio e levou informações a esses durante o período;
- Pei Fon, pois ela lidou não só com a doença no mundo lá fora, mas com a mudança de casa em meio ao momento epidêmico e
- Átila Vieira, representado por sua irmã Adélia Nogueira, foi um dos jornalistas que morreram em meio ao cenário pandêmico.

No mais, acrescentei outras duas crônicas para marcar o início e o fim da pandemia, crônica essa que chegou após todo o trabalho ter sido finalizado. Inclui-me como personagem desses textos por considerar a minha experiência enquanto futura jornalista e estudante de jornalismo.

A partir da primeira crônica sobre mim, obtive a seguinte linha de raciocínio: a primeira seria o começo de tudo e as outras histórias que aconteceram a partir desse início. No entanto, a escolha dos relatos ainda deixou alguns lapsos para chegar ao meu formato final. Primeiro, em conversa com Robalinho, percebemos que deixar apenas o relato do jornalista no texto poderia afetar o meu comprometimento com a apuração, porque seria tomar como verdade só que aquela pessoa me disse. Então, para engrandecer as entrevistas e finalizar os textos, abordei pessoas que eram próximas aos jornalistas. Primeiro, pedi o contato dessas pessoas aos próprios comunicadores e depois falei com elas pelo Whatsapp, marcando entrevistas remotas. Para essa situação, deixei o formato remoto predominar porque não precisei “conhecer” aquelas pessoas como um todo, mas a relação e percepção que elas tinham dos meus personagens, tomando cuidado de não fazer perguntas que direcionassem totalmente o olhar dessas pessoas e elas fizessem apenas elogios. Como Robalinho me lembrou bem “você está escrevendo sobre a vida real e nem sempre ela é bonita”. Dito isso, finalizei os textos com novas entrevistas feitas entre março e maio de 2023, consultando mais

16 pessoas, entre elas estão a psicóloga Milena Salvador, pois senti falta de um olhar mais acurado de na crônica da “Thay”, sobre as mães e Samira de Castro Cunha e Izaias Barbosa da Federação Nacional dos Jornalistas e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Alagoas (Sindjornal), respectivamente. Além disso, pessoas próximas aos profissionais da comunicação, como Eliane Aquino, que trabalhou com Elen Oliveira na pandemia e Rafael Alves, que ajudou Adelaide Nogueira na produção do “Música, Acta e Vc”, foram entrevistadas.

No total, entrevistei 40 pessoas, sendo 22 jornalistas e dois familiares de jornalistas que morreram. Na complementação dos relatos, abordei 16 pessoas, incluindo as jornalistas Graziela França e Raíssa França. Consultei-as novamente porque Graziela trabalhou com Géssika Costa na Agência Tatu e Raíssa é esposa de Carlos Madeiro. Ademais, finalizada a escrita das crônicas na versão final, que foi de 24 de dezembro de 2022 a 29 de maio de 2023, estipulei a ordem na qual elas seriam apresentadas no trabalho e as ordenei indo de 1 a 13. Sequência que será discutida a seguir.

4 SOBRE AS CRÔNICAS

Para chegar ao meu formato final das 13 crônicas, eu precisei me despir do meu universo particular e tentar “entrar” na cabeça dos meus personagens, tendo como ponto de partida as minhas impressões anotadas dentro de cada relato ou entrevista e da visão que tive a partir da leitura de Cavalcante da Silva e Dantas Meneses (2006), de que a crônica sob a ótica de um jornalista é uma maneira de mostrar o subjetivo a partir das observações do cotidiano e entrar verdadeiramente nas impressões pessoais que esse jornalista/cronista teve do fato noticioso. No meu caso, comecei a escrever meus textos como se eu tivesse uma “câmera” na mente de cada um dos entrevistados e, a partir de tudo que conversamos, consegui elaborar um certo padrão em cada crônica. Por isso, todas possuem um início, meio e fim, além de abordar o trabalho desses jornalistas em meio ao novo coronavírus e ir mais fundo, não se resumindo só a isso. Afinal, a partir das minhas impressões sobre o fato “trabalho dos jornalistas na pandemia”, eu consegui absorver um pouco mais de quem eram aquelas pessoas para mais que o jornalismo.

Então, a partir da lapidação dos relatos, cheguei às histórias que eu queria contar e acabei estipulando uma sequência cronológica para elas, a partir do principal assunto de cada texto. Obtendo a crônica “na sala de estar da casa 143, o começo de tudo”, como a narrativa inicial. Com ela, eu quis introduzir as minhas próprias impressões sobre os fatos a serem narrados e a minha experiência como uma futura jornalista que viveu a pandemia pela ótica de uma estudante. Depois, vem “o hóspede inesperado”, como a segunda crônica. Optei por essa colocação porque a história de Elen Oliveira vem falar de *home office* e essa forma de trabalho esteve presente em outros textos. Desse modo, pareceu-me coerente introduzir o tema logo de início. Em sequência, está Adelaide Nogueira na narrativa “a pausa das 15h30”. Partindo ainda do tema central e de minhas impressões, percebi que um grande ponto na história dela foi a criação do “Música, Acta e Vc” e a presença da música em si no cotidiano da profissional. Logo, escolhi a data de nascimento do programa, março de 2020, como uma sequência temporal coesa para esses primeiros textos de uma fase inicial da pandemia. Com Géssika Costa, o marco principal foi a morte da vizinha Dilma pela covid-19, então optei por seguir com essa história, que perpassou por essa perda em maio de 2020. Aqui, no relato em questão, o momento se mostrou muito doloroso para a mãe de Géssika e o vizinho Cristiano. Dessa maneira, acabei não conseguindo entrevistar nenhum dos dois porque eles não se sentiram confortáveis. Porém, para ter uma visão mais aprofundada de Géssika, conversei com Graziela França, que trabalhou com ela na Agência Tatu e foi até uma de minhas

entrevistadas iniciais, mas precisei retomar o contato e focar somente na convivência dela com Géssika. Ainda no ano de 2020, resolvi trazer as histórias de Nigel Santana, Thayanne Magalhães e Filipe Toledo. Sendo essas as crônicas 5, 6 e 7. A escolha se deu porque o Consórcio de Veículos de Imprensa ¹ foi criado em junho daquele ano e para o comunicador Santana, que viveu imerso nos números, é um fato importante. Quanto à Thayanne, não encontrei um mês ou cronologia específica, porém tomei como base o ano de 2020 e de que o relato seguinte, de Filipe Toledo, possuía duas datas centrais, o infarto em agosto de 2020 e a volta à redação em setembro do mesmo ano.

Transcorrendo o ano discutido no parágrafo anterior, as minhas narrativas se encaminharam a 2021. Nesse ciclo de 365 dias, decidi narrar as experiências de Carlos Madeiro, Itawi Albuquerque, Iracema Ferro, Pei Fon, Átila Vieira e a continuação da minha vivência. Carlos veio na oitava narrativa por ter ido cobrir Manaus em janeiro de 2021, episódio que marcou a maior parte de seu relato e veio a ser o texto escrito por ele para o Universo Online. Em seguida, Itawi dá início a uma nova fase da vivência pandêmica: a chegada das vacinas. Embora o relato dele contemple outras datas, tomar o começo da imunização como base me pareceu correto porque durante a entrevista com ele esse momento específico se mostrou verdadeiramente marcante para o comunicador, principalmente por poder acompanhar os primeiros momentos das vacinas em solo alagoano. Posteriormente, incluí a história de Iracema Ferro. Quanto a essa profissional, decidi escolher como ponto de partida a data que dona Teresa, a vizinha de Iracema, foi vacinada. Assim, incluindo essa crônica depois da de Itawi, eu teria tanto a chegada da vacina quanto alguém que fez uso desse método de profilaxia. Com Pei Fon, em “Adeus, Pinheiro”, tomei como base a mudança de casa, em janeiro de 2021, e escolhi trazer depois de Itawi e Iracema porque abordei por meio dos dados a desobrigatoriedade do uso das máscaras, que faz mais sentido vinda depois da vacina e quando considerado os pontos centrais dos relatos anteriores. Por fim, trago a história de Átila, a partir da entrevista com a irmã dele Adélia Nogueira. Cronologicamente, o internamento dele por covid-19 foi em março de 2021, e o tema principal está na perda desse jornalista e de como outros foram mortos pela doença. É o jornalismo que, além de mudanças nas formas e relações de trabalho, sentiu algumas perdas durante a pandemia. Finalizando, inclui um relato que anteriormente não tinha sido calculado, o meu. Na verdade, no processo

¹O Consórcio de Veículos de Imprensa foi uma força-tarefa jornalística criada entre os portais G1 e UOL, bem como os jornais O Globo, Extra, Estadão e Folha de São Paulo. Juntos, eles somaram informações a respeito da situação do vírus nos 26 estados mais o Distrito Federal. De forma colaborativa, os jornalistas coletavam dados das secretarias estaduais de Saúde, obtendo número de pessoas contaminadas, mortes e vacinação. A iniciativa foi criada em junho de 2020 e chegou ao fim em janeiro de 2023, sendo uma resposta ao atraso na divulgação dos dados por parte do Governo Federal.

de escrita, a pandemia acabou. Senti que não podia deixar de falar disso e resolvi trazer um balanço geral do período, dialogando dessa vez com membros da Fenaj e do Sindjornal. Nesse fechamento, usei novamente minha mãe, avó e eu mesma como base e segui traçando um pequeno parâmetro desse “ponto final” da epidemia e de como eu saio de toda essa vivência, não só pelo que vivi, mas pelo que ouvi e percebi durante as minhas entrevistas e envolvimento com os relatos dos meus futuros colegas de profissão.

Embora a crônica perpassasse pelo eixo tempo, ordenar os meus relatos me baseando também por isso não foi uma decisão aleatória. Inicialmente, busquei textos para entender a noção do tempo nesse gênero e vi que:

No tocante à temporalidade, a narrativa cronística nem sempre ilustra situações comprometidas com o tempo presente. Ela muitas vezes se utiliza de fatos jornalísticos com uma certa defasagem temporal, uma vez que não é seu propósito dar aos temas utilizados pela imprensa a mesma abordagem dos jornalistas. Ao contrário, ela busca tratar os fatos sem grandes preocupações referenciais, atendo-se às significações interiores que eles podem causar nos indivíduos. (Michelline, 2005, p. 108)

Portanto, a defasagem temporal discutida no estudo de Michelline foi observada, mas tomei a decisão de ter uma progressão crescente dos relatos e escolher os pontos centrais como base. Logo, encontrei uma sequência de histórias que partisse de uma noção cronologicamente coerente e, ao mesmo tempo, que não se apegasse tanto a isso, tanto que optei por não colocar datas nos textos, pois fiz a divisão para melhor compreensão do meu leitor e ordenamento da minha própria ideia de como eu queria contar essas histórias. Ademais, adentrando em um ponto mais pragmático, desenvolvi todas as crônicas com uma pequena apresentação dos jornalistas e de mim mesma, incluindo também as fotos. A única que foge a esse “padrão” é a de Átila, afinal, o texto já faz uma espécie de apresentação e memória sobre quem ele era. Assim, para essa história, eu quis trazer uma visão mais poética na “apresentação” de Vieira e usei o acróstico escrito por Ricardo da Silva, amigo do comunicador, utilizado no sepultamento do repórter-fotográfico. O texto também foi inserido na camisa feita pela irmã de Átila em alusão à importância da vacinação.

Indo mais longe, procurei fazer uma apuração da forma mais abrangente possível, principalmente respaldando cada relato com os dados numéricos. Essa escolha se deu porque eu quis dar uma noção maior e mais precisa de como alguns aspectos dos relatos refletem em números, documentos, pesquisas e demais formas de registros documentais. Portanto, sem exceção, cada uma das 13 crônicas traz uma demarcação numérica, como a data em que a pandemia foi declarada, na crônica um, a data em que ela acabou, na crônica treze, dados sobre *home office* e a discussão da regulamentação no texto sobre Elen, os decretos locais

para as fases da pandemia no texto de Itawi, o parâmetro das jornalistas mães que trabalharam e cuidaram dos filhos no período em questão e demais dados que me deram uma noção de como o assunto tratado extrapolava os meus relatos. Para achar esses dados, peguei o conteúdo e fui fazendo buscas no Google de pesquisas, levantamentos ou decretos que fossem ligados a eles. Busquei dados no site da Fenaj, nos diários oficiais da União, do Estado de Alagoas e do Município de Maceió, como também em sites gerais relacionados ao tema a ser abrangido em dados, como o G1 Alagoas. Curiosamente, com a escrita das crônicas e inserção dos dados, eu aprendi a pesquisar nos diários oficiais, afinal, eu não peguei o que estava disposto em sites da internet, eu realmente entrei em buscadores como o da Imprensa Oficial e fiz a pesquisa dos decretos estaduais com base nas datas e conteúdos desses, encontrando as versões completas e suplementos, que me apontaram exatamente as informações que casariam com os temas dos meus textos. Exemplo disso é a crônica de Pei Fon, na qual precisei inserir o decreto sobre a Lei Ordinária nº 8.407, de 16 de abril de 2021, que regulamentou a obrigatoriedade do uso de máscaras no cenário estadual.

Ainda nessa questão da apuração precisa, eu procurei ter o cuidado de escrever de uma forma que realmente representasse ou abarcasse a experiência de cada personagem. Dito isso, enviei partes do texto ou o texto completo aos meus entrevistados e fui tomando certeza de que fiz a apuração precisa, considerando a delicadeza de algumas situações vividas e, sobretudo, por estar trabalhando com o formato crônica, num híbrido entre o conteúdo real do jornalismo e a forma livre da escrita da literatura. Alguns, como Elen Oliveira e Carlos Madeiro, disseram-me que alguns pontos precisariam de ajustes. Eu tinha escrito que as paredes do quarto de Elen eram todas coloridas mas, na verdade, apenas o guarda-roupas era colorido e ficava no fundo das reuniões virtuais dela. Já Madeiro, eu entendi pela nossa entrevista que ele havia se hospedado em um hotel na volta de Manaus. Entretanto, ele chegou e foi direto para casa. Por isso, retirei do texto uma parte em que ele teria ficado novamente em um hotel quando chegou. Dessa maneira, tive a certeza de que essa estratégia de encaminhar trechos das crônicas para os meus entrevistados era uma decisão assertiva tanto nos ajustes de informações quanto na captação de maior confiança por parte deles ao sentir como se dava a devolutiva.

Algo que me chamou atenção nesses novos contatos com os jornalistas foi de como é importante apurar todos os pequenos detalhes e não cometer enganos ocasionados por um entendimento equivocado. Ao confrontá-los mais de uma vez, uma das funções do trabalho do jornalista, consegui obter os detalhes corretos e ter a certeza de que nenhum deles deixaria de ser devidamente representado, porque principalmente na crônica jornalística, eu senti a

necessidade de uma apuração muito mais rigorosa que a do jornalismo noticioso, especialmente por considerar a visão que me foi trazida no estudo de Passos (2017), no qual ele expressa que, diferentemente do jornalismo de pirâmide, amparado fortemente nos entrevistados que representam instituições de poder, no jornalismo literário, o jogo se inverte e a voz do personagem adquire um peso maior só por ele ser um personagem, seja ele uma pessoa comum ou de uma instituição poderosa ou não. Isto posto, o meu trabalho tem foco expressivo nos personagens e eles são a minha base, devendo essa ser totalmente bem construída, já que dela derivaram as novas entrevistas com pessoas ligadas a esses profissionais e a busca por dados que complementam os assuntos de cada crônica.

5 DIAGRAMAÇÃO

Ao fim de todo o processo, finalização e organização dos textos por ordem, iniciei a diagramação. Primeiro, criei um documento no Canva no qual adicionei os textos, passando do Google Drive para essa plataforma de edição e design. Estipulei dois tipos de fontes para o meu livro: a *Josefin Sans* e a *Noto Serif Display*. Com duas fontes, eu pude trabalhar bem o aspecto visual do livro de crônicas e diferenciar título de texto corrido. Para os títulos, fiz uso da *Noto Serif* e em texto corrido da *Josefin Sans*. Depois, finalizada a colocação dos textos no Canva, processo que durou 15 dias, escolhi uma cor de fundo e a cor das fontes. A cor de fundo decidida foi cinza e das fontes brancas. Utilizei o cinza claro porque achei o preto muito marcado e também não quis dar uma cor leve ao meu fundo de texto, afinal, a pandemia não é um assunto leve ou feliz. Ela tem uma certa melancolia e isso me foi trazido na cor cinza.

Contudo, em Heller (2013), encontrei melhores definições para a cor e não me ative somente ao meu lado sensorial e intuitivo. Ao versar sobre a psicologia das cores, a autora demonstra que as cores são carregadas de significado e a forma como iremos nos sentir ou perceber determinada tonalidade vai de acordo com o contexto em que ela aparece. Ademais, especificamente para o cinza, Heller expõe algumas significações como a cor dos cabelos dos idosos, que ficam grisalhos. Portanto, uma cor que remete à velhice, ao passado. No mais, outras classificações são destrinchadas pela pesquisadora, como o cinza enquanto cor que representa os dias tristes, à exemplo da quarta-feira de cinzas, que quebra a alegria do carnaval. Nesse estudo, o cinza também aparece como a representação de “todas as adversidades” e do “inamistoso”, ou seja, do desagradável, tal qual um dia nublado, a chuva e o mau tempo, todos acinzentados. Em conformidade com o pensamento de Heller, acabei escolhendo a cor das adversidades para o fundo de página do meu livro, considero a pandemia o verdadeiro mau tempo que nos cercou, sem espaço para o sol.

Em sequência à essa escolha da cor do inamistoso, fui fazendo outros processos, como colocar as fotos e falas destacadas em uma textura de parede, pois quis dar a ideia de um mural composto por algumas colocações dos meus entrevistados. No mais, decidi colocar as fotos com a mesma textura de parede ao fundo, para realçar essa ideia de um mural com fotos do período, em uma espécie de coletânea que preserva a memória daquilo que está contido no relato dos jornalistas, da familiar de Átila Vieira, Adélia, e na minha própria narrativa enquanto personagem. Incluí ainda legendas nas fotos, utilizando as cores preto e branco como fundo de texto para dar uma boa visibilidade ao leitor, sugestão que me foi dada depois

pelo meu orientador. Também inseri algumas ilustrações referentes aos assuntos principais das crônicas. As ilustrações são do Canva, mas mudei a cor de todas para dar o meu toque. Por meio delas, não quis tirar a seriedade do tema, mas sim, dar uma dinâmica maior à leitura e trazer um aspecto visual interessante.

No mais, fiz a imagem de capa no processo final da diagramação, reunindo imagens ligadas à pandemia e ao jornalismo, como máscaras, microfones, álcool em gel e câmera fotográfica e fazendo uso também de palavras relacionadas à comunicação durante esse período, como *home office* e *fake news*, definindo a fonte *True Typewriter* para a escrita dessas palavras, diferenciando-as das duas fontes empregadas em títulos e textos. Retirei todas as imagens da capa do próprio Canva e modifiquei as cores com o filtro grafite também da plataforma, chegando a um aspecto que se assemelha ao cinza claro usado no fundo dos textos. Dessa maneira, todo o processo de diagramação e elaboração da capa foi feito por mim, tomei a decisão de me arriscar e fazer eu mesma, afinal, durante a graduação eu sempre me coloquei em grupos com pessoas que soubessem diagramar ou editar. Porém, tive uma experiência dentro da Empresa Júnior Jangadeiros, ligada ao Curso de Relações Públicas e de Jornalismo da Ufal, que mudou tudo. Aprendi a desenvolver projetos no Canva e cheguei a conclusão de que teria capacidade de diagramar o meu livro sozinha. Não por orgulho, mas para me dar a certeza de que eu também consigo e sou capaz.

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na união do jornalismo e da literatura, a realidade nunca deixa de ser o foco. Logo, o jornalismo literário não foge daquilo que está diante de seus “olhos”. É o contrário, ele se aprofunda, amplia e traz possibilidades que o jornalismo tradicional evita de buscar porque está mais preocupado com o tempo de entrega e o espaço dos jornais. Por isso, tomando como eixo da realidade e do tempo “o trabalho dos jornalistas alagoanos na pandemia”, as crônicas expostas no meu livro se propuseram a uma forma de contar que não estivesse preocupada com fatores externos. Minha preocupação e cuidado foram de contar o que aquelas pessoas realmente estavam dispostas a compartilhar comigo. Assim, procurei me distanciar do lide, da pirâmide invertida e da Teoria do Espelho, não estava sob minha perspectiva contar de forma objetiva e “reproduzida” a realidade desses profissionais diante da covid-19, nem considerar a realidade como puramente objetiva, sendo um reflexo dela, segundo defende essa noção teórica.

Dito isso, busquei absorver cada relato e o produto final com as 13 crônicas fez uma complementação e ampliação de cada texto. A complementação veio muito desse fazer jornalismo de forma literária e do novo jornalismo, no qual é preciso entender não apenas a visão do personagem em si, mas de como ele pensa, como ele é e como também as pessoas ao redor dele o enxergam e acabam por aumentar o campo de visão da personalidade daquela pessoa. Acabei me inspirando no jornalista norte-americano Gay Talese, que, por vezes, buscava se cercar do máximo de pessoas que conviviam com o personagem principal, como já falamos no item 2.1.2 Novo Jornalismo, da Fundamentação Teórica. Falei com 16 pessoas que tivessem ligação com as minhas fontes e comigo mesma, afinal, eu não só fui a jornalista que observou e teve impressões, mas eu me inseri dentro dos fatos, na minha perspectiva enquanto estudante de jornalismo e de uma pessoa que também viu a pandemia de perto. Por sob esse aspecto, eu procurei entender não só o universo dos 11 jornalistas que vieram a cair sobre as linhas dos meus textos, mas também entendi como a minha própria mãe e avó estavam lidando e enxergando a minha realidade e como pessoas mais distantes dos meus personagens e de mim mesma como a presidenta da Fenaj, Samira de Castro Cunha viu a pandemia dentro da profissão que também é a dela.

Ampliando a análise, busquei muito do estilo utilizado por cronistas como Machado de Assis e Rubem Braga, nas crônicas de folhetins do século XIX, que não só perpassam pelo fator tempo, mas também pelo cotidiano, os fatos corriqueiros, porque a pandemia acabou sendo o nosso cotidiano por um período, repetindo-se e ganhando novos elementos. Embora

ela não tenha se tornado um cotidiano essencialmente constante, dentro dessa marcação temporal eu busquei trazer o dia a dia de cada jornalista que teve sua história contada. Contudo, o *Chronos* me deu, sim, uma noção primordial, pois escrevi com base em um início, meio e fim. Quanto aos aspectos do cotidiano e da construção temporal, cito como exemplo a crônica de Elen Oliveira, que relata um pouco do dia a dia dela em meio ao *home office* e ao mesmo tempo conta a chegada dele à sua casa e também a partida, quando ela retornou ao trabalho presencial. Outro exemplo está na crônica de Carlos Madeiro, que traz uma visão inicial sobre os jornalistas, depois sobre a cobertura em Manaus e, por fim, termina com a retomada da visão sobre os jornalistas e demarca um ponto da vivência de Madeiro durante essa cobertura e escrita da reportagem para o Universo Online (UOL).

Explanando um pouco mais, consigo perceber no meu trabalho algumas características que encontrei nas minhas leituras, como a existência de diálogos nas crônicas. Exemplo são os textos sobre Thayanne Magalhães e Iracema Ferro, a subjetividade, porque escrevi sobre aquilo que ouvi e percebi nas entrevistas, a riqueza de detalhes, como a descrição do quarto onde Elen Oliveira trabalhava e de seu guarda-roupas colorido e uma narrativa que pode conversar diretamente com o leitor, como nas crônicas de Adelaide Nogueira com a frase “por essas palavras você deve ter percebido o que vem por aí. Sim, a crônica em questão tem a ver com melodia e com jornalismo, é claro”, e na de Pei Fon, com a construção frasal, “de início, é preciso que você conheça a árvore antes de chegarmos ao bairro”. Mais além, fiz um pouco do novo jornalismo e do que vi em Ritter (2013). Nesse estudo, o autor menciona que o novo jornalista é mais solto, criativo e pode ser onisciente ou estar presente no texto. Como tal, estive presente nas narrativas inicial e final do meu conjunto de crônicas.

Em relação ao desacontecimento de Eliane Brum, segui a lógica de uma pauta que não necessariamente tem a vontade de vender, ser inédita ou imediata. É o oposto disso, a minha construção de textos se pautou em personagens comuns, que mesmo sendo jornalistas e tendo desenvolvido um papel importante na pandemia, ainda são pessoas comuns, distantes das grandes instituições e locais de poder. Entretanto, fugi um pouco do desacontecimento ao recorrer aos dados para ampliar a minha discussão e ao falar com fontes da Fenaj e do Sindjornal. Contudo, o uso dessas fontes não foi feito com a intenção de “validar” os discursos dos personagens, mas para enriquecer a minha apuração jornalística e dar uma visão mais ampla aos relatos. Mesmo assim, não me atrevo a dizer que meu trabalho é expressamente um desacontecimento, mas sim que ele bebe um pouco dele e da própria escrita de Eliane, com a qual eu tomei como base o estilo textual em “A vida que ninguém vê”.

Acerca do jornalismo de subjetividade de Fabiana Moraes, percebo no meu trabalho a preocupação com a busca de uma representação integral dos meus personagens, pois galguei um pouco mais que o objetivo e a busca pelo que está na superfície. Entendi gestos, jeitos, formas de pensar e ainda as pessoas que os cercam, como elas viam os jornalistas trazidos nas crônicas e, ainda, como eles mesmos se viram nesses textos. E, quando a minha visão destoou da forma como eles mesmo se entendem, procurei modificar as minhas palavras, chegando a um ponto que realmente fosse condizente com a personalidade e percepção dos meus entrevistados.

Por fim, consigo detectar ainda elementos da relação do jornalismo com a pandemia. Quanto à mudança nas rotinas de trabalho, encontrei a presença do *home office* nas crônicas de Elen Oliveira, Gêssika Costa, nas duas que escrevi sobre mim, Thayanne Magalhães, Iracema Ferro e Itawi Albuquerque. Em Ferreira (2020), encontrei a observação de que é necessário acompanhar o estado mental dos comunicadores quando se trata de pandemia, em relação ao trabalho precário, à demanda por produtividade, ao próprio *home office* e aos limites do corpo humano. Encontrei no relato de Adelaide Nogueira o cansaço de falar repetidamente sobre a covid-19 e a intensidade do ritmo de trabalho enquanto uma produtora de jornalismo. No texto sobre Thayanne Magalhães, percebi fatores que envolvem justamente os limites do corpo humano e do estado mental. Ela teve insônia, chegou a ficar com depressão e dores na lombar. Mesmo assim, não foi diminuída a sua demanda de trabalho e, ainda mais, Magalhães é uma das muitas mulheres que dividiram o laboro dentro de casa com as responsabilidades domésticas, porque a jornalista cuidou dos dois filhos sozinha no período e não só nele, já que ela é mãe solo. Assim como Thayanne, Itawi Albuquerque também conviveu com a insônia.

Continuando na precarização da profissão, a própria presidenta da Fenaj demonstrou esse panorama ao trazer dados sobre demissões, suspensões de contratos e um fator um pouco mais doloroso, como a morte de alguns comunicadores, dados que aparecem na crônica de Átila Vieira, vítima do novo coronavírus. Além de vitimados, tiveram profissionais que foram contaminados por estarem atuando no trabalho presencial, dentre eles estão Filipe Toledo e Thayanne Magalhães e outros que tinham medo de se contaminar, como Pei Fon. Seguindo com a discussão, houveram ainda jornalistas que sentiram de perto a importância da profissão, a indignação com as *fake news* e o negacionismo político encabeçado pelo ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro. A importância do jornalismo foi sentida por Filipe Toledo, Gêssika Costa e Iracema Ferro. A percepção da desinformação como

problemática foi vista por Géssika Costa. O negacionismo político esteve presente nos relatos de Carlos Madeiro e Nigel Santana.

Encaminhando a discussão para o fim, percebo os jornalistas elencados no meu trabalho como profissionais comuns, com histórias reais e que não se fizeram nem de longe “heróis”. Na verdade, tiveram dores, perdas, processos, reconstruções, mudanças e nenhum deles viu a pandemia como um ponto positivo ou de heroísmo. Todos, sem exceção, indicarem-me que ela foi um verdadeiro divisor de águas para a profissão, trazendo algumas oportunidades, como a maior flexibilidade na própria rotina trabalhista e, ao mesmo tempo, agregando ainda mais precarizações para o fazer jornalístico. É por isso que nenhuma de minhas crônicas os mostrou com floreios. Não, elas são de pessoas reais para leitores reais, que podem até partilhar ou entender suas dores. Como personagem presente nos meus textos, eu certamente compreendi tudo que foi dito e visto nos demais. Como jornalista e cronista, a literatura veio em um movimento de dar uma ampliação do real, criando cenários e tecendo detalhes. Mas, nunca se manteve distante da realidade e da vivência dos jornalistas que eu entrevistei e de mim mesma.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu livro de crônicas é resultado da compilação de relatos de jornalistas sobre o trabalho desenvolvido por eles na pandemia de covid-19, que teve início em março de 2020. As crônicas foram escritas a partir das entrevistas de 40 personagens, jornalistas e pessoas ligadas a eles, e se propuseram a retratar não só o dia a dia de trabalho dessas fontes, mas o lado que ultrapassa a profissão. Consegui desenvolver a escrita por meio de um jornalismo mais fluido e criativo, o literário, e procurei estabelecer uma base sólida como referencial teórico para me amparar. Também fiz uso da experimentação possibilitada pelo gênero e me inseri como narradora-personagem em duas crônicas, a inicial e a final. A estruturação dos relatos no formato final resultou de processos, entre começar a escrever com dois jornalistas por crônica e finalizar com um jornalista por crônica e sem divisões temáticas específicas, mas com pontos principais elencados dentro dos relatos.

Para a elaboração dos textos, segui as características vistas no jornalismo literário, como uso de diálogos e interação com o leitor, fugindo um pouco da objetividade tradicional e indo de encontro ao subjetivo proposto por Fabiana Moraes e a representação de forma integral dos meus personagens, tanto que os contatei em mais de uma oportunidade. No fim, acabei conseguindo não só a integralidade e sim um texto mais humano, que está centrado nos aspectos subjetivos dos jornalistas, como as visões de mundo deles. Entretanto, não abandonei o profissionalismo e persegui isso também nas crônicas. Afinal de contas, a profissão de jornalista é o que faz esse trabalho acontecer.

Um fato curioso, é que a escolha do meu tema de TCC se deu pela certeza de que seria uma escrita fácil e de que provavelmente eu encontraria personagens de sobra. Enganei-me. Primeiro, a escrita literária da crônica me representou um imenso desafio, precisei me reinventar enquanto estudante de jornalismo e esquecer um pouco das objetividades que me cercaram nestes quatro anos de faculdade. Aprendi a ouvir, a sentir e a expressar em palavras todas as minhas percepções. Entendi que o cronista é essencialmente atento e encontra pauta naquilo que ninguém imaginava. Bem, minha pauta não é extraordinária, mas entendi que a simplicidade também é crônica e que jamais um cronista e jornalista literário deve esquecer da realidade, talvez esse o aspecto mais extraordinário do trabalho em si: de buscar o diferencial, o inesperado do cotidiano em que poucos veem o divino.

Esse trabalho ressignificou a minha caminhada de diversas maneiras. Entendi que a apuração do *hard news* é totalmente diferente da dos novos jornalistas. Estes passam dias, meses ou até mesmo anos debruçados sob o seu objeto de análise e, só depois de uma extrema

absorção, lançam-no para o mundo. Eu lanço ao mundo o fruto de muito desafio pessoal e entendimento de que a realidade ainda é o aspecto mais bonito da vida. Aprendi com 22 jornalistas reais que a vida dentro de uma pandemia foi verdadeiramente atípica. Eles saíram das redações em direção às suas casas, outros viajaram para cobrir situações no “olho do furacão” e outros nunca se afastaram das redações. Alguns adoeceram, outros, infelizmente, morreram, mas todos eles, até os que não mencionei no meu livro, fizeram-me perceber o quanto somos profundamente humanos. Na pandemia, continuamos ainda muito humanos. Trabalhamos levando a informação para a população e não abrimos mão dos nossos ofícios. Um ponto interessante é que nenhum dos jornalistas que eu entrevistei respondeu “sim” a minha seguinte pergunta: “você chegou a pensar em desistir do jornalismo?”. Todos, sem exceção, disseram não. Eles me fizeram entender a importância do lado social da profissão e do fazer ético dessa. A ética na cobertura jornalística já me era muito cativa a partir de Caldas (2005). Nunca esqueço do dia que tive o primeiro contato com esse texto na disciplina eletiva de *Jornalismo e Saúde*. Percebi que, como formadores de opinião pública, precisamos sempre ser responsáveis naquilo que levamos ao povo.

A partir do meu TCC, descobri a ética em cada relato e o compromisso com a função social do jornalismo. Por isso, considero esse trabalho como uma afirmação de que em cenários totalmente ímpares como a pandemia, o que cabe ao jornalismo é a ética em primeiro lugar e isso não acontece apenas no modo tradicional de se escrever, no jornalismo literário a ética deve estar visualmente presente. É preciso uma apuração rigorosa, um desprendimento de preconceitos e uma escuta sempre ativa porque em qualquer lugar se pode ter um verdadeiro acontecimento do mundo corriqueiro possibilitado pela subjetividade. Para mais, abordar a pandemia sob a perspectiva dos jornalistas alagoanos pode resgatar, futuramente, a memória desse período a partir de um viés humano, não somente de estatísticas, fontes de poder e perspectivas nacionais, porque propus um olhar local, alagoano. Deixo, portanto, uma singela contribuição sobre a realidade, sobre jornalistas humanos e sobre uma futura jornalista que ainda tem muito a descobrir. Mas, que aprendeu e pretende deixar aos que virão depois de mim o entendimento de que o jornalismo é muito mais que o lide e a pirâmide invertida, ele também reside na subjetividade, na literatura, no real e, principalmente, nas narrativas de pessoas comuns.

Indo mais longe, proponho uma reflexão sobre a própria profissão. Se com a pandemia ela acabou tendo suas dores um pouco mais agravadas, como a sobrecarga de trabalho e a precariedade dessas relações, faz-se necessário que os jornalistas do meu tempo e os jornalistas que virão lutem cada vez mais pela afirmação da nossa profissão. Fomos

importantes na pandemia, informamos um mundo inteiro, mas somos ainda mais importantes no dia a dia e em todos os dias, assim como qualquer outra profissão merecemos segurança, garantia de direitos, respeito e uma melhora crescente, sem regressão. Espero que alguns dos dados numéricos trazidos nesse trabalho nos façam entender que a mudança é urgente. Tivemos contratos suspensos, demissões, afastamentos, pressões em relação às jornalistas mulheres, horário estendido de trabalho e agrupamento deste com as funções domésticas. Enfim, muitas coisas realmente ganharam novos aspectos. Todavia, não devemos esquecer que nós merecemos dignidade, porque sem a informação precisa, apurada, checada, só restará ao povo as incertezas e um jornalismo qualquer feito por qualquer pessoa.

Finalizando o pensamento, deixo aos estudantes de jornalismo a minha pequena ousadia de sair da minha zona de conforto e fazer um jornalismo que me fez encerrar a graduação como um ser humano e profissional ainda melhor. Esqueçam os conformismos e lancem-se ao que somos pouco incentivados na faculdade, descubram histórias, escutem, prestem atenção e nunca pensem que pequenas vivências não valem a pena ou só devemos nos amparar nas fontes institucionais. Eliane Brum me ensinou que sempre há uma boa história em qualquer lugar, basta colocar um pouco do nosso coração “dentro dos olhos”.

Indo mais longe, acredito que, a partir do meu trabalho, outros estudos jornalísticos podem ser desenvolvidos com a temática do jornalismo em si, de como ele será daqui para frente, se algo mudou a partir da pandemia e como a profissão será desenvolvida no futuro, teremos ainda menos pessoas nas redações de forma presencial? As mais variadas funções continuarão a ser desenvolvidas por um só profissional? E o cenário que se coloca às mulheres e mães solo daqui em diante continuará o mesmo ou haverá ainda mais pressões e sobrecarga? Acredito ainda, que podem ser desenvolvidos trabalhos em relação ao aspecto psicológico dos jornalistas depois de terem passado por uma pandemia, como eles estão lidando com esse “pós” momento epidêmico e quais foram as sequelas deixadas por ele.

Desse modo, creio que estas discussões podem ser pertinentes no desenvolvimento de trabalhos futuros, ainda que o formato empregado não seja a crônica, pois acho que o trabalho dos jornalistas é tema para monografias, reportagens e afins. Discutir a própria importância e credibilidade da profissão também se faz pertinente, na pandemia as inverdades poderiam ter causado ainda mais danos à população. Portanto, deixo uma pequena semente de muitas outras árvores que podem florescer daqui por diante.

REFERÊNCIAS

- ABIB, T.; VENTURA, M. A reconfiguração do (des)acontecimento jornalístico em vias de midiatização. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 19, p. 128 –142, 2020.
- ABIB, T.; VENTURA, M. O Jornalismo de Desacontecimentos: Um Estudo da Produção Noticiosa de Eliane Brum. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.
- BRASIL. Decreto Nº 10.288, de 22 mar.2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, ano 158, n.55, 22 mar.2020. Disponível em: <<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=617&pagina=1&data=22/03/2020&totalArquivos=1>>. Acesso em: 23 mai.2023.
- CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Comunicação & sociedade**, v. 27, n. 44, p. 85-101, 2005.
- CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 127-141, 2009.
- CASTRO, Alexandre. Teorias do jornalismo, universidade e profissionalização: desenvolvimento internacional e impasses brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. Fortaleza, 2012.
- CAVALCANTE DA SILVA, L.; DANTAS MENESES, V. Crônica e jornalismo: a crônica no contexto atual do jornal A Folha de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Brasília: UnB, 2006.
- COSSARI, Paulo Henrique. O cotidiano representado na crônica jornalística. In: ENCONTRO CELSUL, 6., 2004, Rio Grande do Sul. **Anais [...]** Rio Grande do Sul: UFSM, 2004.
- Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim. **G1**, 28 jan.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>>. Acesso em: 15 mai.2023.
- DA SILVA, D. J. L.; GUIMARÃES, R. B. J. Literatura no jornalismo da revista " piauí". **Jangada: crítica| literatura| artes**, v. 8, n. 16, p. 122-143, 2020.
- DE ALMEIDA, V. P.; DE LIMA, R. G.; DE OLIVEIRA GUERRA, M. O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. São Paulo: USP, 2016.
- DE MACEDO DUARTE, A.; DE ASSIS CÉSAR, M.R. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 1-22, 2020.

DE OLIVEIRA LIMA, V. A.; OLIVEIRA, A. B.; DE OLIVEIRA JÚNIOR, A. L. B. O Jornalista Flexitempo na Pandemia de Covid-19. **Iniciacom**, v. 10, n. 3, 2021.

DE SOUSA JÚNIOR, João Henrique et al. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de prospecção**, v. 13, n. 2, p. 331-331, 2020.

FERREIRA, G. Jornalismo do Esgotamento: Estudo Sobre o Trabalho Jornalístico na Pandemia e seus Reflexos na Saúde dos Jornalistas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, [s.l]. [s.l], 2020.

FONTANA, Mônica. Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva. **PG Letras**, v. 30, 2006.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. 1 Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LOPES, Paula. A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2010.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A.. O Negacionismo científico refletido na pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 20, p. 67-78, 2021.

MARTINS, B.N.; DE OLIVEIRA-COSTA, M.S. Riscos da profissão: percepções dos jornalistas da capital brasileira sobre seu trabalho na pandemia. **Revista Española de Comunicación en Salud**, p. 35-46, 2023.

MICHELLINE, Èrica. A crônica no universo jornalístico e literário. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 3, n. 1, p. 104-117, 2005.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.

MP 936: Mais de 4 mil jornalistas do país tiveram impactos salariais durante a pandemia. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 16 jul.2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/#:~:text=De%20acordo%20com%20levantamento%20da,de%20jornada%20durante%20a%20pandemia>>. Acesso em: 20 mai.2023.

NECCHI, Vitor. A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 99-109, 2009.

PAPILE, C.S.; BOCHEMBUZO, D. P. Percepções Sobre o Lead e a Pirâmide Invertida 60 Anos Depois. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru. Bauru: Unesp, 2013.

PASSOS, Mateus Yuri. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Curitiba: Universidade Positivo, 2017.

PIAUI – **Mídia Kit**. 28 p. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2019/11/m%C3%ADdia-kit-2020.pdf>>. Acesso em: 10 set.2023.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56, 2013.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 14, p. 675-685, 2014.

SOLON, Marina et al. O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c20842-c20842, 2020.

APÊNDICE A- MODELO DE PAUTA

PAUTAS (roteiro base)

Data: 25/08/2022

Redatora: Letícia Aguiar

Retranca:

Histórico/Sinopse:

Enfoque/Encaminhamento:

Fontes:

PAUTA PODCAST

Data: 16/07/2022

Redatora: Letícia Aguiar

Retranca: Pandemia/Podcast

Histórico/Sinopse: Estabelecendo a sua consolidação no estado, o podcast vem para trazer a representatividade ainda maior do jornalismo no virtual. De uma pegada leve e descontraída, ele propicia uma conversa muito mais intimista que em veículos mais “formais”, como a televisão.

Enfoque/Encaminhamento: Ainda que esteja em consolidação, existem iniciativas como o “canhão”, que levam o jornalismo alagoano para esse formato. Mesmo com criação recente, o programa acontece em meio a pandemia. A ideia é investigar como Wyderlan, apresentador do conteúdo, foi atingido pela pandemia e desvendar um pouco mais do formato.

Fontes: Wyderlan Araújo atua no Jornalismo desde 2006, tendo vivenciado 14 anos de sua carreira apenas no ramo esportivo. Atualmente, ele tem o “Canhão Podcast”, uma iniciativa recente, de 2022, criada com o objetivo de expandir o debate político. Contato: @wyderlanarújo.

APÊNDICE C - ROTEIRO BASE DE PERGUNTAS

PERGUNTAS:

Quem é você? Qual a sua história com o jornalismo?

Descreva um pouco sobre você e sua atividade.

Como tem sido exercer a atividade jornalística em meio a uma pandemia?

O que mudou na sua rotina de trabalho?

Existe algum momento marcante dentro dessa cobertura pandêmica?

Como você enxerga a sua profissão no contexto de pandemia?

Você se sente cansado(a)?

Chegou a ser contaminado pela doença ou teve alguém próximo que contraiu?

Teve medo de continuar a trabalhar?

Você acredita que a pandemia trouxe um novo fazer jornalístico? Consegue fazer um parâmetro do que mudou e do que nunca mais será o mesmo por causa da pandemia?

Em uma palavra, diga o que é ser jornalista para você?

Precisou usar algum aparelho próprio para executar suas atividades?

Como ficaram as suas relações externas?

Passou a adotar algum hábito diferente?

Teve medo de perder o emprego?

Perguntas específicas:

Telejornalismo: na pandemia, você acredita que o telejornalismo passou a ser mais valorizado?

Radiojornalismo: como o assunto “pandemia”, esteve presente nesse veículo, já que na televisão foram divulgados números de contaminação, mortes e afins?

Impresso: diante da necessidade das pessoas por informações sobre a pandemia, como o impresso conseguiu trazer essas “respostas”? existiu alguma cobertura mais especializada?

Webjornalismo: como você enxerga a correlação entre as fake News e a pandemia? Foi difícil realizar a cobertura jornalística em meio às notícias falsas?

Fotojornalismo: se alguém te perguntasse que imagem descreve a pandemia pra você, qual seria?

Assessoria: precisou haver um cuidado maior com a imagem da instituição ou empresa para qual você trabalha, já que a pandemia impôs regras específicas, como uso de máscaras e distanciamento social?

Social Media: o cenário pandêmico trouxe alguma mudança para as redes sociais?

Familiares de jornalistas: como você descreveria o Falcon Barros? O que “ser jornalista” significava para ele? Como a pandemia alterou a rotina de trabalho dele? Qual o legado que ele deixa para os profissionais da área e futuros jornalistas?

Estudante: o que foi que mudou do estágio para o “emprego formal”? Como é estagiar em jornalismo durante a pandemia?

Professor: o que significa ser professor de jornalismo dentro de uma pandemia?

Podcast: a produção do podcast precisou ser modificada em virtude do cenário pandêmico?

Revista: como se estabeleceu a rotina de produção de revista dentro da pandemia?